

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Celina Yoshie Tanaka

Estereótipos e racismo contra amarelos: identificação e análise por
meio da aversão à desigualdade

São Paulo
2023

CELINA YOSHIE TANAKA

Estereótipos e racismo contra amarelos: identificação e análise por meio da aversão à desigualdade

Versão corrigida

Dissertação de mestrado apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Análise do Comportamento

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Frota Lobato Benvenuti

São Paulo

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tanaka, Celina Yoshie

Estereótipos e racismo contra amarelos: identificação e análise por meio da aversão à desigualdade / Celina Yoshie Tanaka; orientador Marcelo Frota Lobato Benvenuti. -- São Paulo, 2023.

50 f.

Dissertação – (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Racismo. 2. Estereótipos. 3. Análise do Comportamento. 4. Amarelos. 5. Aversão à desigualdade. I. Frota Lobato Benvenuti, Marcelo, orient. II. Título.

Nome: Celina Yoshie Tanaka

Título: Estereótipos e racismo contra amarelos: identificação e análise por meio da aversão à desigualdade

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Análise do Comportamento

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Frota Lobato Benvenuti

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Aos meus *jiichans* e *baachans*, que
atravessaram mares e oceanos em
busca de uma nova chance de
sobrevivência.

Agradecimentos

Há muitas pessoas pelas quais gostaria de agradecer e que acompanharam a minha trajetória no Mestrado. Corro o risco de não as nomear em sua totalidade, no entanto, gostaria de destacar aquelas que surgem em minha memória quando busco pelas lembranças desses pouco mais de dois anos.

Primeiramente, agradeço a minha mãe e meu pai, que me criaram com liberdade para fazer minhas escolhas, que sempre me apoiaram nas decisões e que estiveram junto em cada uma delas.

Ao meu orientador, Marcelo, por ter aceitado me orientar, se interessado no tema que propus desde o início e me incentivado em cada etapa deste desafio que é o fazer-ciência.

Ao Matheus, por estar junto em todos os processos de mudança (que não foram poucos e nem simples), ser fonte de apoio e humor no dia a dia. Ao Lucas, Mari, Letícia e Ayla por todo o carinho. Obrigada por tudo.

À família Matsuri Daiko, especialmente das filiais Londrina e Liberdade, por tudo que aprendi e aprendo com vocês. Cada dia que se passa eu tenho mais certeza de que, desde a primeira vez que nos encontramos, nos tornamos irmãos. いちゃりばちよーでー

Ao Marcos, pela generosidade em partilhar os seus conhecimentos estatísticos nas minhas mais variadas (e extensas) demandas e pela presença nos momentos mais turbulentos.

Aos meus amigos do laboratório, por toda a ajuda, pelos *feedbacks* e disponibilidade em me auxiliar sempre que precisei.

À Laís, por ser uma amiga tão querida, animada e presente desde o começo.

Ao Luiz, Felipe e João Lucas, pela ajuda nas análises.

Ao Cesar, pelas ajudas com a literatura e a área, que nunca hesitou em responder alguma dúvida ou me ajudar de alguma forma.

A todas as pessoas que me ajudaram nas coletas. Sem vocês não teria conseguido.

Aos funcionários do IP que sempre estiveram à disposição para tirar minhas dúvidas e me ajudar no que estavam em seus alcances (e até gentilmente me forneceram cadeira e café enquanto estava aguardando durante as minhas coletas).

À Aya, Xan, Ti e Gabs, por terem vibrado e acompanhado minhas loucuras e decisões de última hora - que, no final, deram certo -, e por serem companhia nas descobertas que ainda faremos pelo Brasil todo.

Ao Yuji Shimada, por ser um amigo tão presente há tanto tempo e por me acolher em São Paulo.

À Camis e Karol, por estarem sempre comigo, não importa a circunstância.

À Jé, Helô, Amanda e Gui, por toda a caminhada da graduação até os dias de hoje.

Ao Júnior, meu psicoterapeuta, por ter sido fonte incondicional de acolhimento e por ter promovido reflexões tão importantes para mim. Seu trabalho é excepcional e fico feliz de existir um profissional tão comprometido como você.

Às Prof. Camila Muchon e Mariana, por terem me guiado nos primeiros passos como pesquisadora.

Aos professores Gerson Tomanari, Martha Hübner e Paula Debert, pelas aulas e por todo o conhecimento compartilhado.

Às pessoas que conheci e construí amizades nesses dois anos de USP, em especial à Nath, Roberto, Dani e Andreone.

À CAPES, pelo financiamento deste estudo.

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar.” (Freire, 1996/2022, p. 59)

RESUMO

Tanaka, C.Y. (2023). *Estereótipos e racismo contra amarelos: identificação e análise por meio da aversão à desigualdade* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A população amarela-brasileira tem sido alvo de racismo, discriminação e estereótipos desde o século XIV, a partir da chegada dos primeiros povos amarelos em terras brasileiras. Atualmente, muitos dos estereótipos são considerados socialmente “positivos”, no entanto, trazem consequências negativas à população amarela. Uma possibilidade de investigação de vieses raciais nas relações entre indivíduos de diferentes raças é através de procedimentos que avaliem a aversão à desigualdade, definida como sendo a insatisfação de um indivíduo sobre uma distribuição desigual de recursos. Esse fenômeno é dividido em dois tipos: aversão à desigualdade desvantajosa (DI) e aversão à desigualdade vantajosa (AI). O presente estudo buscou verificar a produção de Desigualdade Desvantajosa (DI) em uma interação com um Confederado Amarelo em comparação com um Confederado Branco. Para isso, utilizamos uma tarefa que consistia em escolher entre dois cartões, azul e verde. A escolha pelo cartão azul favorecia os ganhos dos confederados, o que gerava uma maior diferença de pontuação entre o participante e o confederado. Os dados averiguaram que não há diferenças nas médias de escolhas pelo cartão azul pela raça. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as médias de escolhas de cartões azuis com o Confederado Branco e com o Confederado Amarelo ao longo das tentativas, o que indica que a aversão à desigualdade desvantajosa é cumulativa e depende da exposição. Agrupando os padrões de respostas individuais, foi possível observar uma maior homogeneidade de escolhas de cartões nas interações entre ambos os confederados quando o Confederado Branco é apresentado primeiro. Houve uma maior variabilidade nos padrões de escolhas nas interações entre ambos os confederados quando o Confederado Amarelo é apresentado primeiro, sendo um indício de uma diferença de tratamento baseado em raça.

Palavras-chave: Racismo. Estereótipos. Análise do Comportamento. Amarelos. Aversão à Desigualdade.

ABSTRACT

Tanaka, C.Y. (2023). *Stereotypes and racism against asians: identification and analysis through inequity aversion* (Master's Thesis). Psychology Institute, São Paulo University, São Paulo.

The asians-brazilians has been the target of racism, discrimination, and stereotypes since the 14th century, with the arrival of the first asians in Brazil. Currently, many of these stereotypes are considered socially "positive"; however, they have negative consequences for the asians. One possible investigation of racial biases in the relationships between individuals of different races is through procedures that assess aversion to inequity, defined as an individual's dissatisfaction with an unequal distribution of resources. This phenomenon is divided into two types: aversion to Disadvantageous Inequity (DI) and aversion to Advantageous Inequity (AI). This study aimed to investigate the production of Disadvantageous Inequity (DI) in an interaction with a Asian Confederate compared to a White Confederate. To do this, we used a task that involved choosing between two cards, blue and green. Choosing the blue card favored the gains of the Confederates, which resulted in a greater difference in score between the participant and the Confederate. The data revealed that there are no differences in the mean choices of the blue card based on race. Statistically significant differences were found in the mean choices of blue cards with the White Confederate and the Asian Confederate over attempts, indicating that aversion to disadvantageous inequity is cumulative and depends on exposure. When grouping individual response patterns, it was possible to observe greater homogeneity in card choices in interactions between both Confederates when the White Confederate is presented first. There was greater variability in choice patterns in interactions between both Confederates when the Asian Confederate is presented first, indicating a race-based difference in treatment.

Keywords: Racism. Stereotyping. Behavior Analysis. Asians. Inequity Aversion.

Lista de Figuras

Figura 1 - Tela de instruções inicial da tarefa experimental (Suarez, 2019).....	25
Figura 2 - Disposição dos cartões para as escolhas e matriz com contagem dos pontos acumulados das rodadas (Suarez, 2019).....	25
Figura 3 - Indicação da distribuição de pontos da primeira Fase (Suarez, 2019).....	27
Figura 4 - Tela apresentada ao final da Fase de Equidade, indicando a alteração na matriz de pontos (Suarez, 2019).....	27
Figura 5 - Tela apresentada ao final de todas as Fases, mostrando a contagem total de pontos recebidos por cada participante, retirada do software ProgRCI (Suarez, 2019).....	28
Figura 6 - Proporção de escolhas de cartões azuis na Fase Equidade e na Fase Desigualdade Desvantajosa para os participantes da ordem Confederado Amarelo - Confederado Branco (A1 - B2).....	31
Figura 7 - Proporção de escolhas de cartões azuis na Fase Equidade e na Fase Desigualdade Desvantajosa para os participantes da ordem Confederado Branco - Confederado Amarelo (B1 - A2)	32
Figura 8 - Tendência de escolhas de cartões azuis na Fase de Desigualdade Desvantajosa de acordo com a ordem de apresentação dos confederados branco e amarelo.....	34
Figura 9 - Médias de escolhas pelo cartão azul por bloco na Fase de Desigualdade Desvantajosa para confederados brancos e amarelos independentemente da ordem de apresentação.....	35
Figura 10 - Médias de escolhas pelo cartão azul por bloco na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a primeira apresentação dos confederados Amarelo e Branco (A1 e B1).....	36
Figura 11 - Médias das escolhas pelo cartão azul por bloco na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a segunda ordem de apresentação dos confederados (A2 e B2).....	37
Figura 12 - Padrões individuais de escolhas de cartões azuis (1) e verdes (0) na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a ordem de apresentação Confederado Amarelo - Confederado Branco (A1 -B2).....	39
Figura 13 - Padrões individuais de escolhas de cartões azuis (1) e verdes (0) na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a ordem de apresentação Confederado Branco - Confederado Amarelo (B1 - A2).....	41

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Combinação de pontos para o participante e para o computador de acordo com a condição, Fase e combinação de cores das cartas.....30

Tabela 2 - Comparação entre médias das escolhas pelo cartão azul pelos participantes de acordo com a raça do confederado, ordem de apresentação do confederado e blocos de tentativas através do teste T.....33

Lista de abreviaturas e siglas

AI	Desigualdade vantajosa
AEC	Análise Experimental do Comportamento
A1	Interação com confederado amarelo em primeira ordem
A2	Interação com confederado amarelo em segunda ordem
B1	Interação com confederado branco em primeira ordem
B2	Interação com confederado branco em segunda ordem
EQ	Fase de Equidade
DI	Desigualdade desvantajosa

Sumário

Introdução	15
População amarela e seus estereótipos.....	16
Aversão à desigualdade.....	18
Aversão à desigualdade e raça.....	22
Método	23
Participantes.....	24
Recrutamento de participantes.....	24
Local e instrumentos.....	24
Tarefa Experimental.....	24
Procedimento.....	26
Delineamento Experimental.....	30
Resultados e Discussão	31
Considerações Finais	43
Referências	44
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	48
Apêndice B – Características dos participantes	49
Apêndice C – Fotos dos confederados	50
Anexo 1 – Questionário para simulação de resposta	51

Um indivíduo se comporta socialmente quando, em conjunto com uma ou mais pessoas, interage com um ambiente em comum (Skinner, 1953/2003). Há situações em que os reforços requerem a presença de outras pessoas, o reforço social. Guerin (1994) mostra que a presença de outra(s) pessoa(s) pode(m) ser um estímulo discriminativo para o indivíduo se comportar de uma maneira específica. Nesse sentido, características físicas de um indivíduo podem ser estímulos discriminativos para a emissão de comportamentos específicos de outras pessoas, como acontece com os estereótipos, os casos de racismo e preconceito racial.

A raça, sendo uma categoria construída sócio e historicamente, se refere a um conjunto de características que representam e identificam um grupo social reconhecido por aspectos culturais e físicos – marcas inscritas no corpo dos indivíduos, como a cor da pele, tipo de cabelo, estatura, traços faciais, entre outros (Petrucci, 2013). Segundo Schneider (2004), estereótipos são “qualidades percebidas como sendo associadas a grupos ou categorias particulares de pessoas” (p. 24), ou então características que são rapidamente associadas a um grupo quando se pensa nele (Strangor, 2016). Os estereótipos são conceitos previamente estabelecidos relacionados a pessoas de determinada origem, sendo as características físicas e/ou grupos aos quais pertencem ou convivem, estímulos que controlam a emissão desses comportamentos.

Algumas pré-concepções podem levar à emissão de comportamentos discriminatórios e desfavoráveis ao sujeito ou grupo atingido, dado pelo fato de fazerem parte de uma minoria social, ou então possuírem uma característica física específica. Esses comportamentos podem ser definidos como preconceito racial (Strangor, 2016; Nogueira, 2007).

Almeida (2019) diferencia preconceito racial de discriminação racial e racismo. O preconceito racial, segundo o autor, possui relação com juízos que se baseiam em estereótipos relacionados a grupos de pessoas pertencentes a uma minoria racial, que podem ou não levar a práticas discriminatórias. Discriminação racial, por sua vez, seria o tratamento de maneira diferencial a pessoas identificadas por marcadores raciais. Já o racismo seria definido como “...uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (p.22).

Assim, o tratamento diferencial a pessoas minorizadas racialmente pode levar a consequências negativas ou não a essas pessoas e, quando levam a prejuízos, seja com relação a acesso de bens e serviços ou ao seu bem-estar, define-se como racismo. Skinner (1953/2003)

explica sobre o controle exercido pelo grupo, que pode ser prejudicial ao indivíduo controlado pois o grupo gera “um comportamento que, embora receba reforço positivo de acordo com o bom comportamento, também cria condições fortemente aversivas para o indivíduo” (p. 357). Assim, caracterizar da mesma maneira os indivíduos que compartilham de uma mesma marca social, como a raça, faz com que haja uma cobrança de desempenho, o qual pode não corresponder com a realidade dessas pessoas.

No campo das ciências comportamentais, a questão do preconceito é um tema que vem sendo investigado pela área (Matsuda et al, 2020). As possibilidades de interpretação até então exploradas têm sido abordadas através do paradigma de equivalência de estímulos (Dixon & Lemke, 2007; de Carvalho & de Rose, 2014; Mizael et al. 2016; Carrijo & Borges, 2021) que entende o preconceito como sendo atitudes formadas por relações arbitrárias entre classes de estímulos e qualidades (Mizael & de Rose, 2017) bem como pela formação de quadros relacionais (Hayes, et. al., 2001; Hayes, et al., 2002).

Neste trabalho, trataremos a questão da discriminação e racismo a partir de uma perspectiva que leva em conta as escolhas em situações de ganhos desiguais através da noção de aversão à desigualdade (Fehr & Schmidt, 1999). No caso do racismo, como apontado por Almeida (2019), o problema central se encontra na desigualdade de distribuição de recursos, favorecendo alguns grupos raciais em detrimento de outros. A aversão à desigualdade permite observar o quanto o indivíduo aceita ou rejeita uma distribuição não-equitativa, e estudos demonstram que a raça é uma variável que afeta essa aversão (e.g. Griffin et al., 2012; Chisadza et al., 2021, descritos a seguir). Além disso, trataremos do racismo e discriminação sofridos por pessoas amarelas, as quais possuem uma história diaspórica e marcadores sociais que levam a práticas discriminatórias específicas e distintas de outras populações minorizadas racialmente no Brasil (e.g. negros e indígenas).

População amarela e seus estereótipos

Pessoas amarelas são aquelas que descendem, em sua maioria, de países do leste-asiático (e.g. China, Coréia do Sul, Coréia do Norte, Taiwan, Mongólia, Japão, territórios de Macau e Hong Kong). Segundo o Censo de 2022, o Brasil contava, naquele ano, com mais de 850 mil amarelos no país, cerca de 0,4% da população (IBGE, 2023).

No Brasil, a presença dos amarelos se deu a partir dos chineses, em 1855, que vieram realizar trabalhos nos campos de chá no Rio de Janeiro, na qualidade de um “novo escravo”

que exerceriam os trabalhos que imigrantes europeus não queriam realizar. Esses trabalhadores eram caracterizados de maneira negativa, como sendo indolentes, aspecto físico feio, indisciplinados, inúteis e prejudiciais. Além disso, a raça amarela era considerada pelos membros do governo brasileiro como inferior, estando no intermédio entre a raça branca e a negra (Dezem, 2005). Nesse período, as imigrações foram planejadas para estabelecer e manter as hierarquias raciais, sendo que os chineses – e conseqüentemente as pessoas amarelas - eram considerados como próximos de indígenas e negros na categorização racial, sendo uma minoria étnica também reprimida (Higa, 2015).

No período da Segunda Guerra Mundial, ocorreu a ênfase na visão negativa sobre a população, pois a China passou a expandir-se economicamente, ganhando notoriedade, ao mesmo tempo que o Japão, país imperialista, também apresentava crescimento (Inoue, 2017). Nesse sentido, a desconfiança, o sentimento de ameaça e invasão relativos ao povo com ascendência amarela foram disseminados nas mídias e entre a população não-amarela, fazendo com que o termo “perigo amarelo” ganhasse repercussão (Yabiku & Salles, 2007).

Apesar disso, com a ascensão econômica, mudanças dos imigrantes do campo para a cidade e a entrada de seus filhos nas universidades, a própria comunidade – em especial a japonesa – buscou criar o fortalecimento e visibilidade da comunidade no Brasil (Pires, 2017). Criou-se, então, uma ideia e disseminação do mito da “minorias modelo”, termo esse que foi inicialmente empregado nos Estados Unidos, o qual faz alusão aos estereótipos que relacionam os amarelos citados anteriormente (Santos & Acevedo, 2013). Assim, aspectos de valor social advindos da população amarela passaram a ser prestigiadas por outras comunidades, fazendo com que se tornasse conhecida, em partes, por características positivas.

Tais características, apesar de serem consideradas positivas, fazem parte dos estereótipos, que quando reproduzidos, trazem conseqüências negativas à população atingida. Além dessa caracterização, outros fatores que acabam direcionando os estereótipos aos amarelos de maneira geral, como os traços físicos que os caracterizam como parte deste grupo. Mesmo que sejam diversos os países leste-asiáticos de suas descendências, não há a diferenciação entre os povos e “muitos asiáticos no Brasil, fossem eles chineses ou de outros países, acabaram sendo transformados involuntariamente em ‘japoneses’ (ou outras nacionalidades asiáticas) no senso comum” (Véras, 2010, p. 140; parênteses adicionados). Nesse sentido, um tratamento indiferenciado em relação aos amarelos faz com que os

estereótipos sejam, muitas vezes, referidos a todos, mesmo que a pessoa ou grupo ofendido seja descendente de um certo país asiático.

Mesmo que os estereótipos conhecidos por serem relacionados aos amarelos sejam socialmente positivos, é necessário compreender que a indiferenciação das características dos membros de um grupo faz com que exceções ou variações de comportamento não sejam permitidas, o que podem gerar pressões psicológicas para se comportar da maneira em que se é esperada da pessoa pertencente a essa minoria. Portanto, mesmo as características consideradas positivas podem ser impositivas (Schneider, 2004). Um estudo de Niemann e outros pesquisadores (1994) levantou as principais características que os participantes consideraram ser relacionadas aos “asiáticos americanos”. Observaram-se características como “inteligente”, “falar baixo” e “agradável” relacionadas às mulheres; e “inteligente”, “baixa estatura” e “orientado para conquistas” para os homens. Schneider (2004) complementa que assumir que as pessoas de um grupo sejam estudiosas devido a traços fenotípicos pode ofender aqueles que valorizam a diversidade do grupo, assim como dizer que uma pessoa seja inteligente pode indiretamente soar que ela não seja sociável ou goste de outras atividades.

Indivíduos amarelos são comumente caracterizados, nos dias de hoje no Brasil, como sendo detentores de privilégios, com maior facilidade de acesso à bens – uma minoria modelo (Santos & Acevedo, 2013). Obter boas notas nas provas, gostar da área de exatas, ser organizado, sério, trabalhar muito: são alguns dos estereótipos associados à população amarela desde o século passado, como apontado na matéria da BBC Brasil (Mori, 2017). Ainda, comentários como “Para entrar na universidade, tem que matar um japonês”, são frequentes nos colégios e cursos pré-vestibular (Diaz, 2021), o que normaliza o discurso de que amarelos são inteligentes e não precisam de esforços nos estudos.

Algumas das características comumente relacionadas aos amarelos, portanto, possuem relação com uma posição de desigualdade e suposto “privilégio” ocupado por esse grupo na sociedade. A questão da desigualdade e como os indivíduos podem interpretar a diferença entre distribuições de recursos é algo tratado pela área da Aversão à Desigualdade e será discutida a seguir.

Aversão à desigualdade

A aversão à desigualdade diz respeito à insatisfação de um indivíduo sobre algum resultado percebido como injusto (Fehr & Schmidt, 1999). Ganhos e acesso a bens por uma

pessoa (e.g. amarela) podem ser vistos como injustos por uma outra (e.g. branca), quando se entende que ambas estejam em condições semelhantes para recebimento de recursos.

Há exemplos de situações utilizadas para medir como as pessoas se comportam com relação à alocação de dinheiro (ou outros reforçadores) entre eles e outras pessoas e suas preferências sociais, como ocorre na Teoria dos Jogos (Camerer, 2003). O Jogo do Ultimato, por exemplo, é um tipo de situação de negociação entre duas pessoas em que há um valor inicial e um dos jogadores propõe uma divisão desse valor inicial entre ela e o segundo jogador que, por sua vez, decide se aceita ou rejeita a oferta da divisão dos ganhos. Por exemplo, pode-se pensar em uma oferta inicial de R\$ 100,00 para o primeiro jogador, que propõe que ele fique com R\$ 70,00 e o outro jogador fique com R\$ 30,00. Caso a proposta seja aceita pelo segundo jogador, o valor é distribuído para as duas pessoas, mas, caso rejeite, nenhuma das duas recebe o valor.

O Jogo do Ditador, por outro lado, é derivado do Jogo do Ultimato, contudo, apenas um jogador realiza as decisões (ditador) (Fehr & Schmidt, 1999; Camerer, 2003). Nessa situação, o ditador escolhe por uma oferta generosa para o outro jogador ou pela maximização de seus próprios ganhos e, segundo os dados gerais dos experimentos que utilizam tal jogo, sugere-se que a resposta generosa demonstraria um altruísmo mais do que uma escolha estratégica, ou por temer uma rejeição social.

Estudos experimentais também têm explorado a aversão à desigualdade, de forma a descrever as variáveis envolvidas na presença do fenômeno em interações humanas. Blake e McAuliffe (2011) investigaram o desenvolvimento de duas formas de aversão à desigualdade: a aversão à desigualdade desvantajosa (DI) e a aversão à desigualdade vantajosa (AI)¹. A DI acontece quando se busca evitar receber menos do que o outro indivíduo, enquanto que a AI ocorre quando se evita receber mais do que o outro.

Os pesquisadores utilizaram o Jogo da Desigualdade, tendo como princípio uma versão modificada do Jogo do Ditador, em pares de crianças que não se conheciam previamente. Cada par era disposto de forma que cada criança ficasse uma à frente da outra, sendo que uma seria a que iria decidir se aceita ou rejeita a quantidade de doces colocados para cada uma receber pelo experimentador. Os resultados mostraram que as crianças rejeitavam DI em todas as idades, sendo que a rejeição aumenta conforme aumenta a idade. Além disso, crianças de 4 a 7

¹ Do inglês “Disadvantageous Inequity” (DI) e “Advantageous Inequity” (AI).

anos raramente rejeitavam alocações equitativas ou de AI e crianças a partir dos 8 rejeitavam AI com maior frequência, abrindo mão dos seus ganhos para preservar a equidade. Apesar disso, autores falam da possibilidade de haver outras diferenças que afetam os comportamentos de rejeitar desigualdades vantajosas, pois houve situações em que crianças com 8 anos aceitaram AI.

Outro estudo, de Blake et al. (2015), usou a mesma tarefa com crianças de diferentes países (sendo dois classificados como WEIRD (*western, educated, industrialized, rich and democratic* – ocidental, educado, industrializado, rico e democrático) e cinco não-WEIRD). Tal pesquisa mostrou que a aversão à desigualdade desvantajosa se fez presente em todos os países, enquanto que a aversão à desigualdade vantajosa somente em 3 países (dois WEIRD e um não-WEIRD), o que demonstra que a AI pode ser mais potencialmente influenciado por fatores culturais. Essa aversão apareceu mais frequentemente em crianças dos países WEIRD, onde os pais são conhecidos por encorajar mais seus filhos a mostrarem autonomia e independência, o que sugeriria um aprendizado mais precoce do lugar e reputação social entre os grupos. Outra explicação realizada por Blake et al. (2015) iria no sentido das relações financeiras entre indivíduos que não se conhecem, quando há normas mais fortemente estabelecidas sobre distribuições equitativas de recursos, também mais presentes em países WEIRD.

A pesquisa de Corbit et al. (2017) investigou o efeito de uma colaboração prévia na aversão à desigualdade em crianças de comunidades da Índia e do Canadá. O experimento era composto por dois jogos: o “Jogo do Puxar (*Pulling Game*)” e o Jogo da Desigualdade (semelhante ao utilizado por Blake e McAuliffe (2011)). Os pares de crianças foram divididos aleatoriamente entre 4 condições: colaboração-AI, colaboração-DI, paralelo-AI e paralelo-DI. No Jogo do Puxar, as crianças eram divididas em pares que fariam a tarefa em colaboração e pares em que cada criança realizaria a tarefa de forma separada (paralela) para obterem doces. Após passarem pelo Jogo do Puxar, os doces obtidos eram colocados para serem distribuídos no Jogo da Desigualdade, e o experimentador manipulava a distribuição dos doces de maneira a haver AI, DI ou equidade, a depender da condição estipulada para o par de participantes.

Os resultados do estudo de Corbit et al. (2017) mostraram que, para ambos os países, a atividade colaborativa aumenta a rejeição por distribuições em AI em comparação com uma distribuição equitativa – que se fortalece com o aumento da idade –, o que não aparece após a atividade feita paralelamente. Já na Condição DI, a rejeição é uniforme para os dois países, tanto após a realização da atividade em colaboração, quanto após a realização em paralelo,

também se fortalecendo com o aumento da idade. Assim, o estudo mostra que a origem da obtenção dos recursos e a distribuição posterior entre duas pessoas afeta na rejeição por distribuições em AI.

Além dos estudos realizados com crianças anteriormente mencionadas, outros pesquisadores investigaram a aversão à desigualdade em estudantes universitários. Benvenuti et al. (2020) investigou se a aversão à DI pode ser modulada por uma história experimental prévia em que um confederado se comporta de maneira a produzir AI para o participante – ou seja, ajuda o participante a ganhar mais pontos. Os participantes foram divididos em 3 grupos experimentais: FRICON (interação com confederado amigável), UNHCON (interação com confederado não-amigável) e NOHIST (grupo controle/sem história prévia). A tarefa consistia em escolhas entre cartões azuis ou verdes, que produziam uma certa quantidade de pontos para cada jogador a depender da combinação de cores e da fase. Na Fase AI, o participante recebia 5 pontos e o confederado 2 pontos na combinação azul-azul, e as demais combinações resultavam em 2 pontos para cada. Nesta fase, o confederado do grupo FRICON escolhia mais cartões azuis, permitindo que o participante ganhasse mais pontos; e no grupo UNHCON o confederado escolhia mais cartões verdes e não permitia que o participante ganhasse mais pontos. O grupo NOHIST não participava dessa fase. Na Fase DI, a combinação azul-azul resultava em 5 pontos para o confederado e 2 para o participante, e as demais combinações resultavam em 2 pontos para cada.

Os resultados do estudo de Benvenuti et al. (2020) mostraram que no grupo FRICON, os participantes continuaram produzindo a situação de distribuição de desigualdade de ganhos quando a condição AI foi mudada para DI, ou seja, houve pouca diminuição nas escolhas de cartões azuis do participante na Fase DI; no grupo UNHCON houve diminuição de 40% nas escolhas de cartões azuis em DI, ou seja, os participantes não permitiam que o confederado tivesse um ganho maior do que eles; e no grupo NOHIST houve maior variabilidade nos resultados. Os dados indicam que a história pessoal prévia (AI bem sucedida ou não) afeta nas decisões de uma situação posterior em DI.

Outro estudo que investigou a aversão à desigualdade em universitários foi o de Suarez et al. (2021), que buscou examinar se interações cooperativas e não cooperativas entre dois indivíduos influenciam na disposição do participante para produzir ou recusar desigualdades desvantajosas. A tarefa era semelhante à de Benvenuti et al. (2020), mas foi realizada com um software que apresentava os cartões, suas combinações e a matriz de pontos em cada fase. Foi

feito um delineamento entre sujeitos em que os participantes eram divididos em dois grupos, sendo um com informação sobre remuneração e outro sem informação, e cada grupo dividido em uma parte com interação cooperativa inicial e a outra com interação não cooperativa inicial; e intra-sujeitos, em que os participantes passavam por fases de interação cooperativa, interação não-cooperativa e teste DI. Os resultados de Suarez et al. (2021) averiguaram que a oportunidade de reciprocidade modula a aversão à desigualdade: a exposição a múltiplas interações possibilita que os participantes aprendam sobre as escolhas do parceiro e modulem seu comportamento para futuras interações.

Aversão à desigualdade e raça

Além dos fatores apresentados pelos estudos citados anteriormente, a raça também se mostra como uma variável social relevante para a presença da aversão à desigualdade. No estudo de Griffin et al. (2012), investigou-se a aversão à desigualdade nos Estados Unidos entre pessoas de mesma raça e raças diferentes, entre negros e brancos, de classes sociais distintas. Para esse estudo, foi utilizado o Jogo do Ultimato, com o participante sendo o que aceita ou rejeita a proposta de divisão de ganhos, e a proposta era gerada de forma randômica e previamente estabelecida pelos pesquisadores. A pesquisa averiguou que a aversão à desigualdade se manteve em níveis similares entre negros e brancos, porém, afro-americanos foram mais propensos a aceitarem ofertas maiores, especialmente aqueles que provêm de bairros periféricos.

Chisadza et al. (2021) investigou o efeito do tempo de decisão e a raça em decisões distributivas utilizando o Jogo do Ditador entre pessoas brancas e negras da África do Sul. O participante era informado de que teria que dividir uma certa quantia de dinheiro entre ele e mais uma pessoa, e que essa decisão ocorreria por 5 vezes, com diferentes pessoas (recedor homem branco, um recedor homem negro, duas recedoras mulheres negras e uma recedora mulher branca). As pesquisadoras informavam as características gerais de cada pessoa que receberia a quantia que o ditador escolheria dividir, incluindo raça e gênero e solicitavam que o ditador dissesse quais seriam as posições socioeconômicas que ele acreditava ser a dos recedores.

Os resultados mostraram que os ditadores, tanto brancos quanto negros, transferiam maior quantia para os recedores de raça negra. Além disso, os ditadores brancos que tomaram decisões mais rápidas transferiam mais para o próprio grupo (brancos) do que para o outro

grupo (negros) e os que demoravam mais para tomarem decisões transferiam mais para os recebedores negros do que brancos. Outro fator encontrado seria o de que os negros são considerados, segundo os ditadores, como sendo parte de classes socioeconômicas mais baixas do que os brancos. Nesse sentido, as pesquisadoras averiguaram que a aversão à desigualdade surge como viés baseado em raça, devido às percepções de diferenças raciais na renda.

A identificação de diferenças de tratamento em relação a uma pessoa minorizada racialmente pode ser um indicativo da presença de comportamentos de viés racial, assim como foi identificado no estudo de Griffin et al. (2012) e Chisadza et al. (2021). O estereótipo sobre a raça amarela, foco no presente estudo, tem características singulares em relação ao estereótipo sobre outras raças, visto que apresenta indicadores socioeconômicos e história diaspórica distinta da população com ascendência africana, que foi estudada pelos autores citados. Nesse sentido, é interessante que se realize estudos experimentais envolvendo interações de distribuições desiguais de recursos com pessoas amarelas, na mesma linha dos que já vêm sendo realizados com pessoas negras e brancas. Assim, o presente estudo teve como objetivo verificar se o participante aceita mais a desigualdade desvantajosa em uma interação com uma pessoa amarela ou branca utilizando o experimento adaptado de Benvenuti et al. (2020) e Suarez et al. (2021)².

Método

Participantes

40 estudantes de graduação da Universidade de São Paulo, com idades de 18 a 37 anos. Antes de participarem da pesquisa, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da Universidade de São Paulo (CAAE: 61142722.4.0000.5561). Todos os participantes também preencheram um questionário com questões abertas sobre idade, curso, gênero, número USP e autodeclaração de raça. Dos 40 participantes, 30 se autodeclararam brancos, cinco se autodeclararam pardos, três se autodeclararam pretos e 2 negros. Sobre gênero, 20 pessoas se declararam do gênero

² Optou-se pela utilização desse procedimento pela possibilidade de investigar a aversão à desigualdade por meio de um método que não necessita do envolvimento de recursos monetários. Suarez (2019) averiguou que o ganho de pontos nessa mesma tarefa é reforçador, não havendo diferenças comportamentais dos participantes na utilização de pontos ou pontos possíveis de serem trocados por dinheiro.

feminino, 16, do gênero masculino e três pessoas se autodeclararam não-binárias. Os cursos foram variados: 8 participantes do curso de Educação Física, 7 de Psicologia, 6 de Letras, 3 de Filosofia, 2 de Economia, 2 de Artes Cênicas, 2 de Arquitetura, 2 de Biomedicina, 2 de Música, 1 de Ciências Econômicas, 1 de Administração, 1 de Ciências Atuariais, 1 de Engenharia da Computação, 1 de Esporte e 1 de Ciências Sociais (ver informações por participante no Apêndice B).

Do curso de Psicologia, foram recrutados apenas estudantes do primeiro semestre que ainda não haviam passado por participação em pesquisa de Análise Experimental do Comportamento (AEC), pois a partir do segundo semestre os alunos participam de disciplinas em AEC. Dos demais cursos, os participantes eram de semestres variados, sem essa restrição.

Recrutamento de participantes

Os participantes foram recrutados por meio de mensagens em redes sociais, convites pessoais feitos na Universidade de São Paulo e cartazes fixados nas áreas comuns da universidade. O convite incluía as informações gerais sobre a pesquisa: que seria para um entendimento melhor sobre interações de grupos em um dilema social, as condições de participação (voluntária, para estudantes de graduação de diversos cursos da USP), contatos da pesquisadora e um link com um formulário para os interessados preencherem com o nome, curso, contato de telefone e dias e horários de disponibilidade para participação no estudo.

Local e instrumentos

As sessões experimentais ocorreram no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, na sala do Laboratório de Análise Experimental do Comportamento Social e de Fenômenos Culturais. A sala continha uma mesa com um notebook contendo o software ProgRCI (para maiores detalhes, ver Suarez, 2019) para a coleta, um *mouse*, uma cadeira e um tablet para exibição dos slides de apresentação da tarefa a ser feita pelo participante.

Tarefa Experimental

A tarefa experimental consistiu na escolha de um entre dois cartões (azul ou verde) dispostos na tela do computador. Inicialmente, uma tela de instruções era exibida, indicando que o participante deveria clicar no círculo amarelo para passar para a próxima página e iniciar a tarefa. A cada jogada, a escolha do participante e do confederado aparecia na tela, bem como os pontos acumulados após cada série, em forma de tabela.

Figura 1 - Tela de instruções inicial da tarefa experimental (Suarez, 2019)

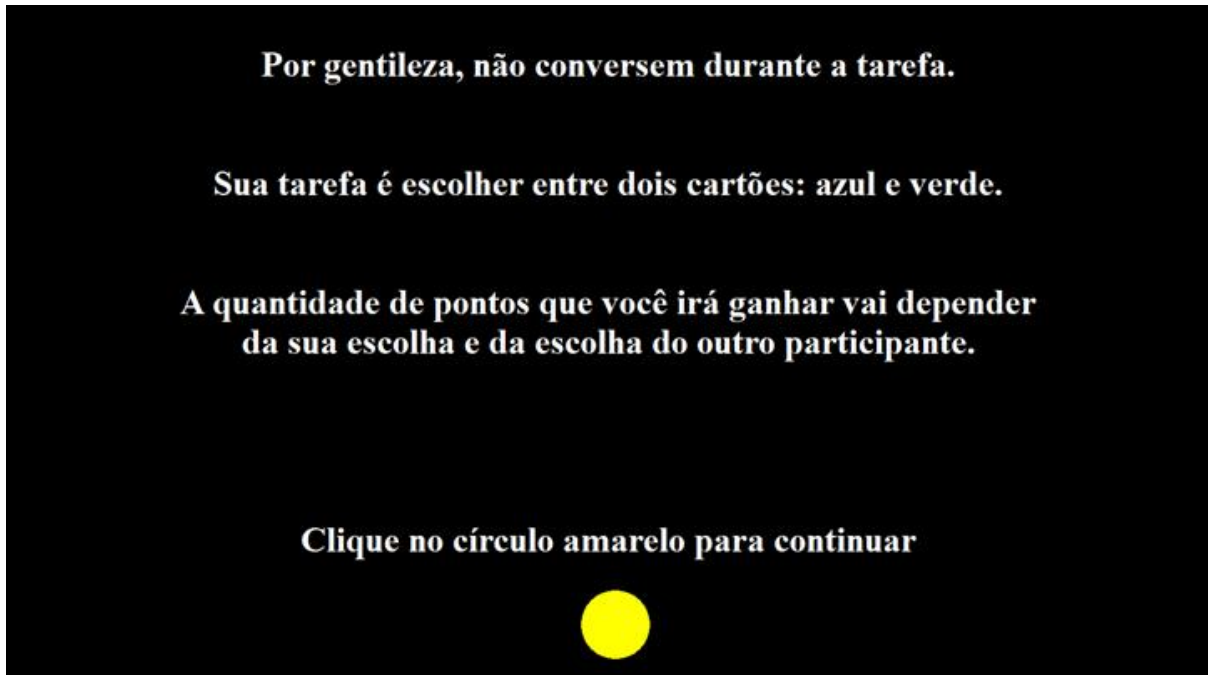
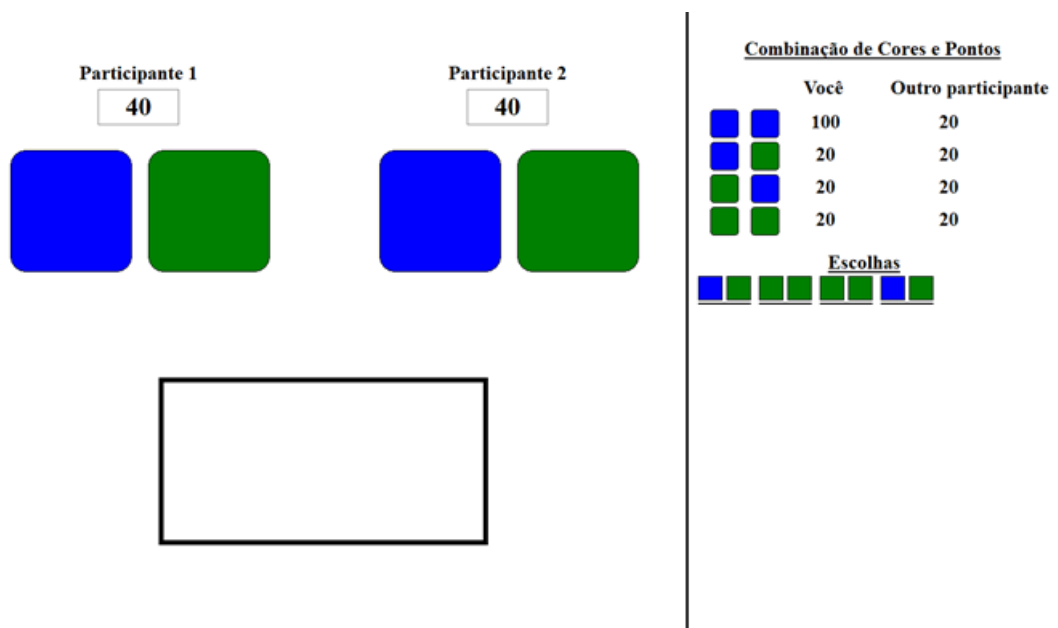


Figura 2 - Disposição dos cartões para as escolhas e matriz com contagem dos pontos acumulados das rodadas (Suarez, 2019)



Procedimento

A pesquisadora fez contato inicial com o participante via *WhatsApp* para agendamento de um horário para a coleta. No dia da coleta, a pesquisadora se encontrou com o participante no Instituto de Psicologia e o encaminhou para a sala de coleta. Em seguida, solicitou que o participante lesse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e assinasse, caso concordasse com o prosseguimento. Em seguida, foi iniciada a explicação da tarefa:

“A tarefa é bem simples e será feita em um programa de computador. Será feita em duas partes, uma seguida da outra: a primeira com um participante que está em outra sala, e a segunda com um outro participante. Esses outros participantes serão apresentados a você por videochamada. Vocês só irão interagir no momento em que se conheceram, mas durante a tarefa não haverá interação.”

A tarefa contou com 2 Fases: a primeira de Equidade e a segunda de Desigualdade Desvantajosa. Na Fase de Equidade, o participante realiza a escolha pelo cartão e, após um intervalo variável de 0 a 5 segundos, a escolha do computador aparecia na tela. Em seguida, a pontuação de cada pessoa naquela tentativa era contabilizada e as pontuações obtidas em tentativas seguintes eram somadas em um retângulo disposto na parte superior dos cartões:

“De início, aparecerá essa tela (Figura 1) e vocês vão clicar no círculo amarelo para começar, assim que eu falar que podem começar. Logo em seguida, aparecerá essa tela (Figura 2). O local em que você irá clicar, será no canto esquerdo da tela, em um dos cartões, azul ou verde, que se encontram abaixo da indicação “Você”, e as escolhas do outro participante serão mostradas no canto direito da tela, onde está escrito “Outro participante”. A escolha do outro participante vai aparecer somente depois que você fizer a sua escolha, o mesmo ocorre para ele. No lado direito, haverá uma matriz de pontos, que indica quantos pontos cada um receberá, de acordo com a combinação de cores.

Ao final da Fase de Equidade, a somatória dos pontos de todas as tentativas era apresentada (Figura 3, abaixo), juntamente com um aviso sobre a mudança da matriz de pontos (Figura 4, abaixo):

“Após essa Fase, aparecerá esta tela (Figura 3), que indica quantos pontos cada pessoa fez nessa fase. Quando ela aparecer, você pode clicar no círculo amarelo para continuar.”

Figura 3 - Indicação da distribuição de pontos da primeira Fase (Suarez, 2019)

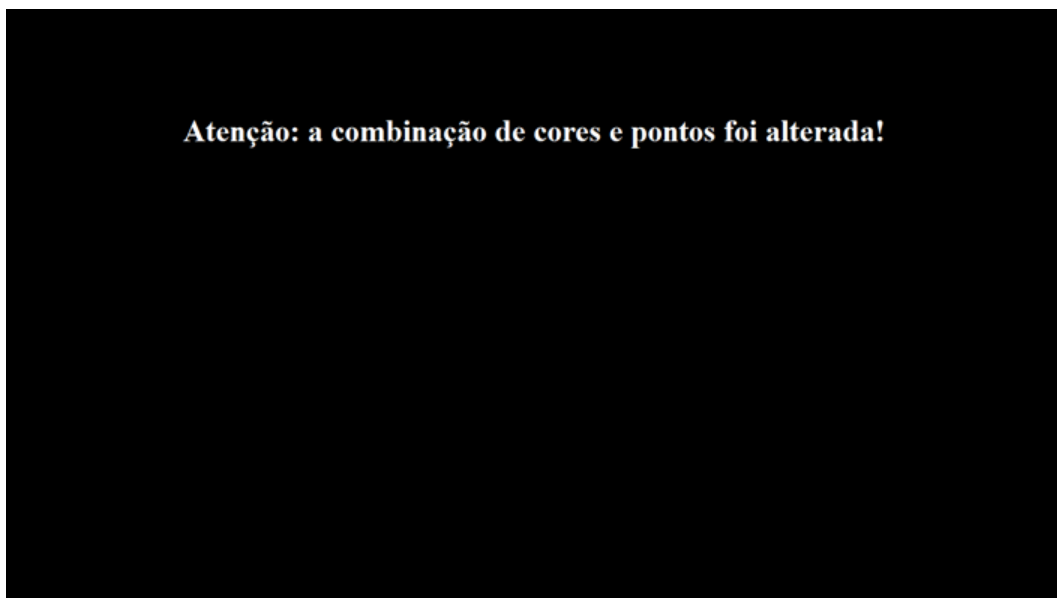
Nesta fase, Você recebeu 680 pontos!

O Outro participante recebeu 680 pontos!

Clique no círculo amarelo para continuar.



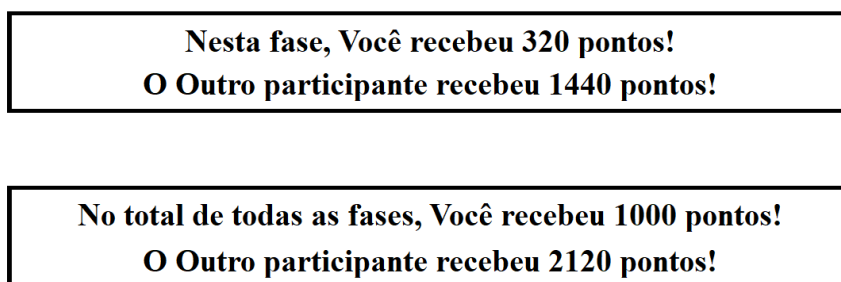
Figura 4 - Tela apresentada ao final da Fase de Equidade, indicando a alteração na matriz de pontos (Suarez, 2019)



Da mesma maneira que na Fase de Equidade, na Fase de Desigualdade Desvantajosa, o participante realizava a escolha pelo cartão e, após um intervalo variável de 0 a 5 segundos, a escolha do computador aparecia na tela. As pontuações obtidas eram somadas ao longo das tentativas. Ao fim de todas as tentativas na Fase de Desigualdade Desvantajosa, a pontuação total de cada jogador era mostrada na tela (Figura 5):

“Depois disso, irá aparecer essa tela novamente (Figura 2), que seguirá com o mesmo esquema de escolhas da primeira fase, no entanto, a pontuação mudará e você poderá conferir durante a atividade. Por fim, aparecerá esta tela (Figura 5), que mostra quantos pontos cada pessoa fez nesta segunda fase e quantos pontos cada um fez na soma das duas fases.”

Figura 5: Tela apresentada ao final de todas as fases, mostrando a contagem total de pontos recebidos por cada participante, retirada do software ProgRCI (Suarez, 2019)



Muito obrigado(a) pela participação!

Por favor, chame o(a) experimentador(a)

A experimentadora perguntava se o participante possuía dúvidas com relação à tarefa. Caso não possuísse, prosseguiu para uma simulação, que mostrava uma combinação de cartões (azul e azul) e uma matriz de pontos simulada semelhante à da Figura 2. Foi solicitado ao participante que respondesse a um questionário com uma pergunta sobre qual seria a pontuação obtida por cada pessoa da dupla de acordo com a combinação apresentada (Anexo 1). Em seguida, era feita a conferência da resposta ao questionário. Caso incorreta, a pesquisadora perguntava se o participante possuía dúvidas e fazia as devidas explicações, até que ele respondesse corretamente. Em seguida, os participantes eram apresentados:

“Fulano (participante), este é Ciclano (confederado) e Ciclano, este é Fulano. Ciclano está em outra sala e recebeu a explicação da atividade assim como fiz para você. Este momento é mais para vocês se verem, saberem como é a pessoa com quem você estará fazendo a atividade. Agora que vocês se viram, irão começar a atividade. Fulano, quando aparecer a tela final que te mostrei (Figura 5), bata na porta para que eu possa te explicar o que vem em seguida. Pronto, agora os dois podem clicar no círculo amarelo para iniciar.”

O confederado apresentado foi um voluntário que se disponibilizou para auxiliar na pesquisa, do mesmo gênero do participante (ver fotos dos confederados no Apêndice C). As escolhas de cartões que foram sendo mostradas na tela para o participante eram programadas previamente, ou seja, o participante estava interagindo com o computador.

Após a finalização das duas fases, foi entregue um questionário para que o participante respondesse, por escrito, sobre as estratégias que utilizou na tarefa. O questionário contou com duas perguntas:

1. Qual foi a sua estratégia para as escolhas dos cartões?
2. Qual estratégia você acha que a outra pessoa adotou para as escolhas dos cartões?

O questionário objetivou identificar se o participante possuía suspeita que o outro jogador na verdade não seria aquele com o qual foi apresentado antes do início da tarefa e que estaria jogando com o computador. Nesse caso, os dados dos participantes não foram analisados.

Após a entrega do questionário, a sessão foi finalizada e o participante foi avisado que faria mais uma participação, semelhante a que acabou de participar, no entanto, realizando a tarefa com outra pessoa. A pesquisadora solicitou que o participante aguardasse apenas para que o *software* fosse organizado novamente e ela ligasse para a segunda pessoa com quem ele faria a segunda parte da coleta.

Na segunda sessão, houve a alteração da raça do confederado. Novamente, o participante e o confederado – de mesmo gênero do participante - foram apresentados via videochamada:

“Beltrano (2º confederado), este é Fulano (participante) e Fulano, este é Beltrano. Fulano já recebeu a explicação da atividade e Beltrano também, em uma outra sala. Este momento é mais para vocês se verem, saberem como é a pessoa com quem você estará fazendo a atividade. Agora que vocês se viram, irão começar a atividade. Fulano, quando aparecer a tela final que te mostrei (Figura 5), pode seguir direto para as perguntas que estão no papel que deixei na mesa. Será da mesma forma que na primeira vez. Após terminar de responder, pode me chamar. Pronto, agora os dois podem clicar no círculo amarelo para iniciar.”

A tarefa ocorreu com as mesmas fases e números de tentativas da primeira sessão. Após o término das duas fases e a resposta ao questionário, o participante era liberado em seguida.

Delineamento Experimental

Cada participante passou por duas condições: uma sessão de interação com um Confederado Amarelo e outra com um Confederado Branco. A ordem dos confederados foi randomizada entre os participantes, sendo que 20 participantes passaram pela ordem Confederado Amarelo - Confederado Branco (A1 - B2) e 20 participantes passaram pela ordem Confederado Branco - Confederado Amarelo (B1 - A2). As sessões contaram com duas fases, que se diferenciaram quanto à distribuição de pontos de acordo com a combinação de cores dos cartões:

Equidade (EQ): a combinação de cartões azul-azul resulta em 100 pontos para o participante e para o computador. Qualquer outra combinação de cartões resulta em 20 pontos para cada. A interação ocorreu em um total de 10 tentativas. O computador foi programado para escolher azul 7 vezes e verde 3 vezes, aleatoriamente. Esta fase ocorreu para familiarização do participante com a tarefa e observação da sua sensibilidade quanto ao ganho de pontos. Como critério de inclusão, o participante não deveria escolher o cartão verde nas últimas 3 tentativas.

Desigualdade desvantajosa (DI): a combinação de cartões azul-azul resulta em 100 pontos para o computador e 20 para o participante. O Computador foi programado para escolher azul em todas as vezes. A interação ocorreu em um total de 16 tentativas.

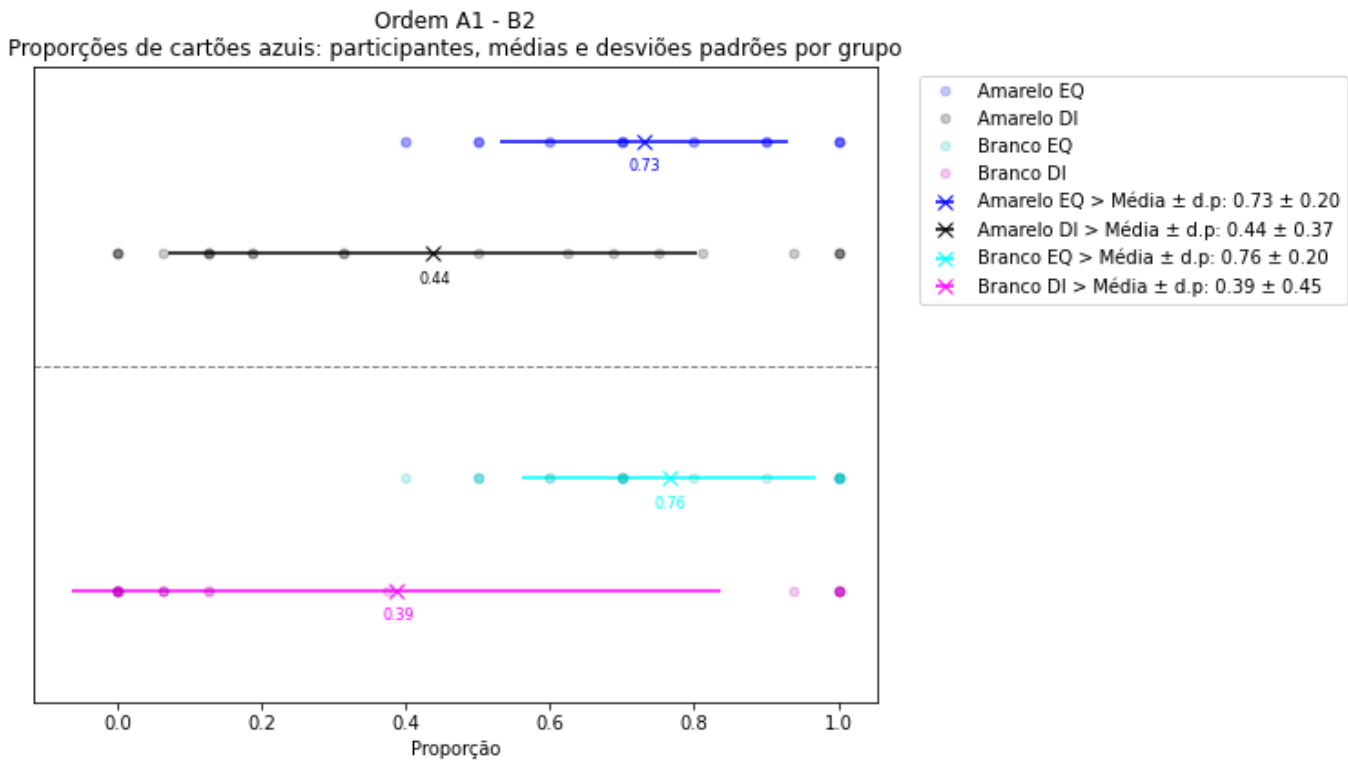
Tabela 1 - Combinação de pontos para o participante e para o computador de acordo com a condição, fase e combinação de cores das cartas

Condição	Fase	Combinação de cores		Pontos		Número de tentativas	
				Participante	Computador		
Confederado branco	EQ	Verde	Verde	20	20	10	
		Verde	Azul				
		Azul	Verde				
			Azul	Azul	100	100	
	DI		Verde	Verde	20	20	16
			Verde	Azul			
Azul			Verde				
		Azul	Azul	20	100		
Confederado amarelo	EQ	Verde	Verde	20	20	10	
		Verde	Azul				
		Azul	Verde				
			Azul	Azul	100	100	
	DI		Verde	Verde	20	20	16
			Verde	Azul			
Azul			Verde				
		Azul	Azul	20	100		

Resultados e Discussão

O objetivo do trabalho foi verificar se haveria ou não uma diferença na produção de desigualdade desvantajosa na interação com uma pessoa amarela em comparação com a interação com uma pessoa branca. A Figura 6 mostra as proporções de uso do cartão azul para os participantes que passaram pela ordem de apresentação dos Confederados Amarelo - Branco (A1 - B2) nas Fases de Equidade (EQ) e Desigualdade Desvantajosa (DI). Os dados indicam que a taxa de escolha média de cartões azuis para confederados amarelos na Fase EQ foi de 0,73 e, na Fase DI foi de 0,44. Para os confederados brancos, a taxa média de escolhas de cartões azuis foi de 0,76 na Fase EQ e de 0,39 para a Fase DI. Portanto, para ambos os participantes houve uma diminuição das escolhas pelos cartões azuis na Fase DI, independente da raça do confederado, apesar de ter havido uma diferença maior entre EQ e DI na Condição Confederado Branco (B2).

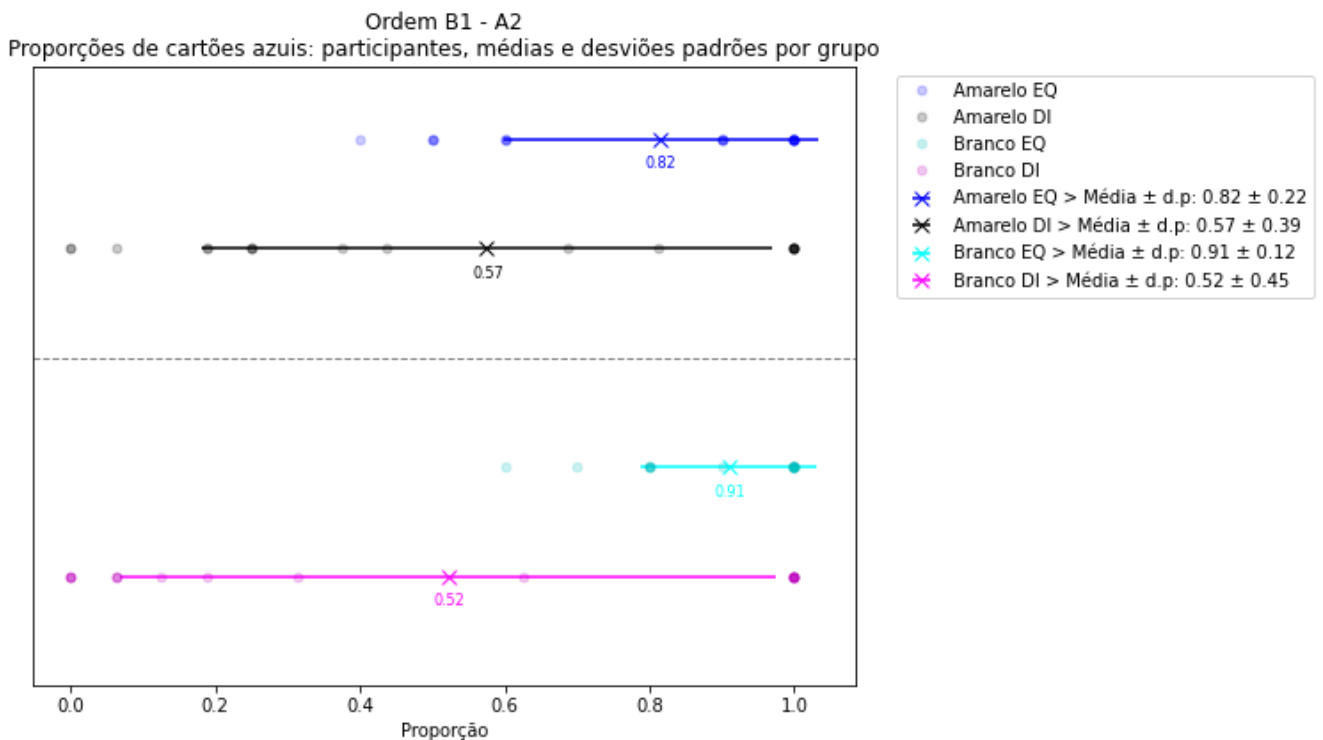
Figura 6 - Proporção de escolhas de cartões azuis na Fase Equidade e na Fase Desigualdade Desvantajosa para os participantes da ordem Confederado Amarelo - Confederado Branco (A1 - B2)



A Figura 7 mostra a proporção de escolhas pelo cartão azul nas Fases EQ e DI para os participantes que passaram pela ordem de apresentação Confederado Branco - Confederado

Amarelo (B1 - A2). Os dados indicam que a taxa média de escolhas para o cartão azul na Fase EQ para o Confederado Branco foi de 0,91. Na Fase DI, foi de 0,52. Para o Confederado Amarelo, a taxa de escolhas pelo cartão azul foi de 0,82 na Fase EQ e de 0,57 para a Fase DI. Portanto, para ambos os confederados houve uma diminuição nas escolhas pelo cartão azul em DI, com uma diferença maior na Condição Confederado Amarelo (A2).

Figura 7 - Proporção de escolhas de cartões azuis na Fase Equidade e na Fase Desigualdade Desvantajosa para os participantes da ordem Confederado Branco - Confederado Amarelo (B1 - A2)

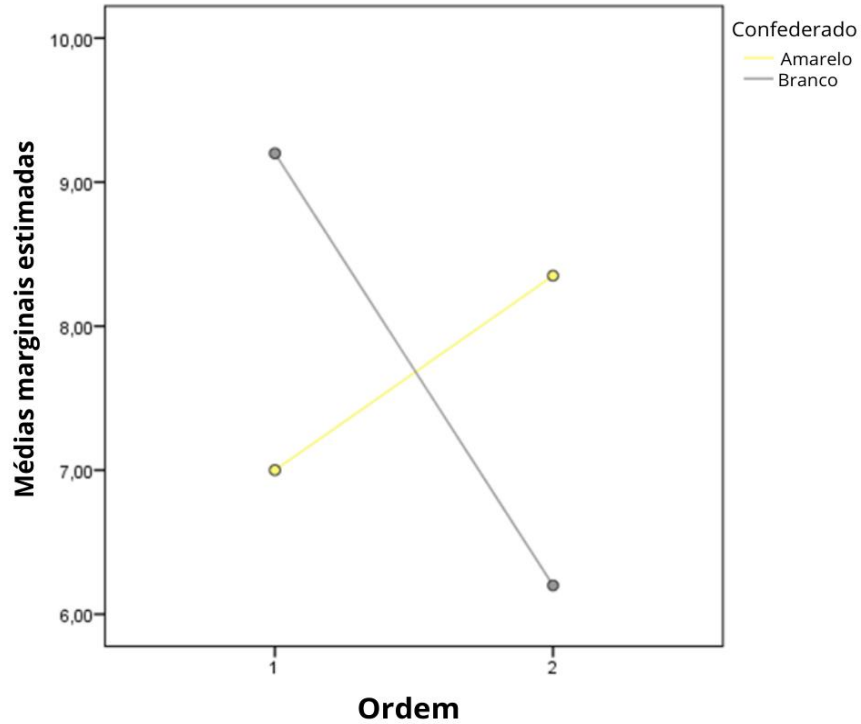


Para a análise estatística dos dados, foi utilizado o Teste T para comparação das médias de escolhas pelo cartão azul em cada condição, ordem de apresentação do confederado e blocos de tentativas (ver Tabela 2). A Figura 8 mostra a tendência de escolhas pelo cartão azul na Fase DI nas Condições Confederado Amarelo e Confederado Branco nas duas ordens de apresentação. Apesar das aparentes diferenças entre as médias de escolhas pelos cartões azuis para cada ordem e condição, não foram estatisticamente significativas.

Tabela 2 – Comparação entre médias das escolhas pelo cartão azul pelos participantes de acordo com a raça do confederado, ordem de apresentação do confederado e blocos de tentativas através do teste T

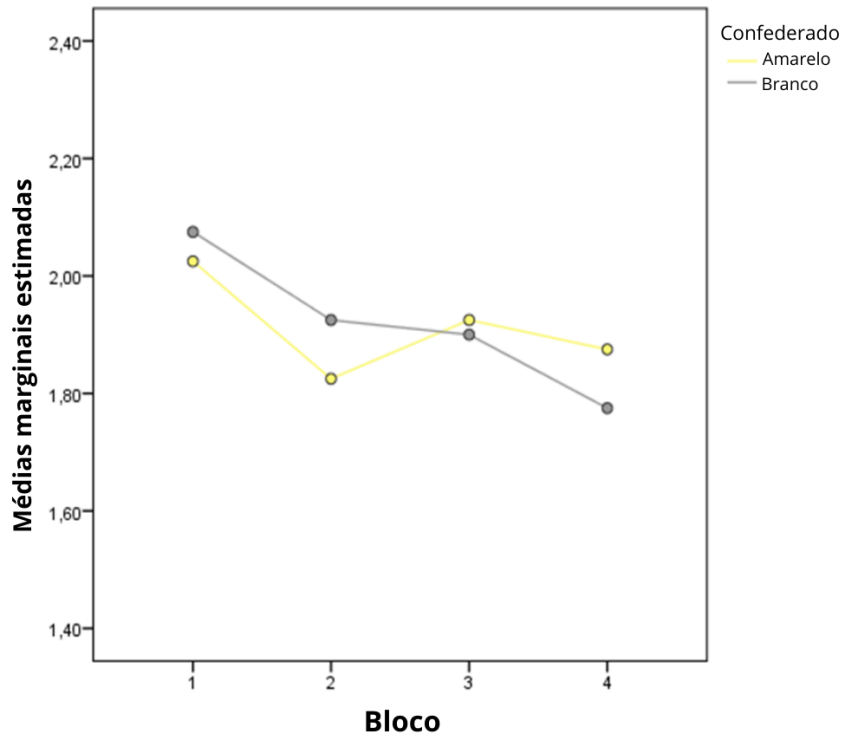
		Diferenças pareadas					t	df	Sig. (2-tailed)
		Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de Confiança (95%)				
					Inferior	Superior			
Par 1	A1 - A2	-1,35000	11,35677	2,53945	-6,66513	3,96513	-,532	19	,601
Par 2	B1 - B2	3,00000	10,73607	2,40066	-2,02463	8,02463	1,250	19	,227
Par 3	A1 - B1	-2,20000	10,33950	2,31198	-7,03904	2,63904	-,952	19	,353
Par 4	A2 - B2	2,15000	11,66766	2,60897	-3,31063	7,61063	,824	19	,420
Par 5	A1 - B2	,80000	3,87434	,86633	-1,01325	2,61325	,923	19	,367
Par 6	B1 - A2	,85000	2,34577	,52453	-,24785	1,94785	1,620	19	,122
Par 7	A1_B2 - A2_B1	-2,17500	10,94013	1,72979	-5,67382	1,32382	-1,257	39	,216
Par 8	Conf_Amarelo - Conf_Branco	-,02500	11,10206	1,75539	-3,57561	3,52561	-,014	39	,989
Par 9	A1_BL1 - A1_BL4	,10000	1,11921	,25026	-,42381	,62381	,400	19	,694
Par 10	A1_BL1 - A1_BL2	,45000	0,94451	,21120	,00795	,89205	2,131	19	,046
Par 11	A2_BL1 - A2_BL4	,20000	,41039	,09177	,00793	,39207	2,179	19	,042
Par 12	B1_BL1 - B1_BL4	,30000	1,17429	,26258	-,24958	,84958	1,143	19	,267
Par 13	B2_BL1 - B2_BL4	,30000	,57124	,12773	,03265	,56735	2,349	19	,030
Par 14	A1_B2_BL1 - A1_B2_BL4	,20000	,88289	,13960	-,08236	,48236	1,433	39	,160
Par 15	A2_B1_BL1 - A2_B1_BL4	,25000	,86972	,13751	-,02815	,52815	1,818	39	,077
Par 16	Conf_Amar_BL1 - Conf_Amar_BL4	,15000	,83359	,13180	-,11659	,41659	1,138	39	,262
Par 17	Conf_Bran_BL1 - Conf_Bran_BL4	,30000	,91147	,14412	,00850	,59150	2,082	39	,044
Par 18	Conf_Amar_BL1 - Conf_Bran_BL1	-,05000	2,56155	,40502	-,86922	,76922	-,123	39	,902
Par 19	Conf_Amar_BL4 - Conf_Bran_BL4	,10000	3,09507	,48937	-,88985	1,08985	,204	39	,839

Figura 8 - Tendência de escolhas de cartões azuis na Fase de Desigualdade Desvantajosa de acordo com a ordem de apresentação dos confederados branco e amarelo



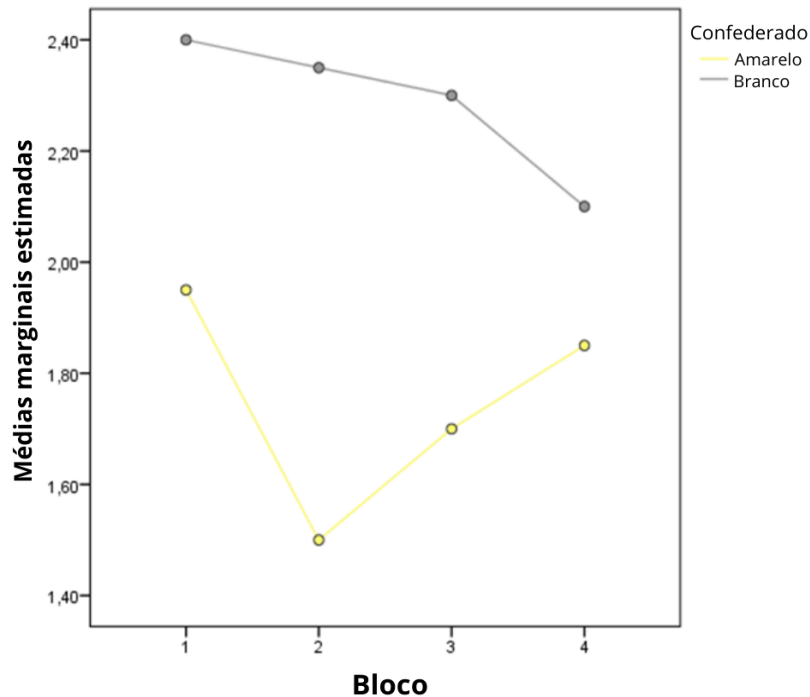
A Figura 9 mostra as médias de escolhas pelo cartão azul na Fase de Desigualdade nas Condições Confederado Branco e Confederado Amarelo, independentemente da ordem de apresentação. Cada bloco é constituído por 4 tentativas. Observou-se uma diferenciação entre as médias conforme o andamento da tarefa, que diminuem conforme a passagem das tentativas. Na Condição Confederado Branco, houve uma diferença estatisticamente significativa na comparação entre o primeiro e o último bloco de respostas (par 17 na Tabela 2, $p = 0,044$). Na Condição Confederado Amarelo não ocorreram diferenças estatisticamente significativas nas comparações entre blocos de tentativas.

Figura 9 - Médias de escolhas pelo cartão azul por bloco na Fase de Desigualdade Desvantajosa para confederados brancos e amarelos independentemente da ordem de apresentação



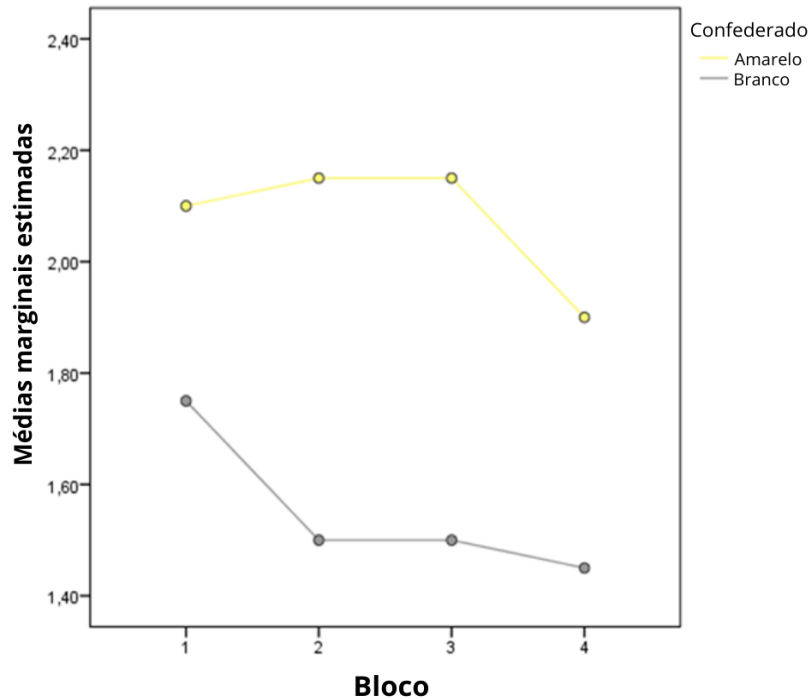
A Figura 10 mostra as médias de escolhas pelo cartão azul por bloco para as Condições Confederado Amarelo e Confederado Branco na primeira ordem de apresentação (A1 e B1). Houve diferença estatisticamente significativa na comparação entre o primeiro e segundo bloco tentativas para a Condição Confederado Amarelo na primeira ordem de apresentação (A1) (par 10 na Tabela 2, $p = 0,046$). Não há diferença estatisticamente significativa nas comparações entre blocos da Condição Confederado Branco na primeira ordem de apresentação (B1).

Figura 10 - Médias de escolhas pelo cartão azul por bloco na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a primeira apresentação dos confederados Amarelo e Branco (A1 e B1)



A Figura 11 mostra que, na segunda ordem de apresentação dos confederados (A2 e B2), quando o Confederado Amarelo é apresentado após o Confederado Branco, há um aumento das médias de escolhas do primeiro para o segundo e terceiro blocos, e uma diminuição para o quarto bloco. A diferença é estatisticamente significativa na comparação entre o primeiro bloco e o quarto bloco (par 11 na Tabela 2, $p = 0,042$). Na Condição Confederado Branco na segunda ordem de apresentação (B2), houve uma diferença estatisticamente significativa entre o primeiro e o último bloco (par 13 na Tabela 2, $p = 0,030$).

Figura 11 - Médias das escolhas pelo cartão azul por bloco na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a segunda ordem de apresentação dos confederados (A2 e B2)

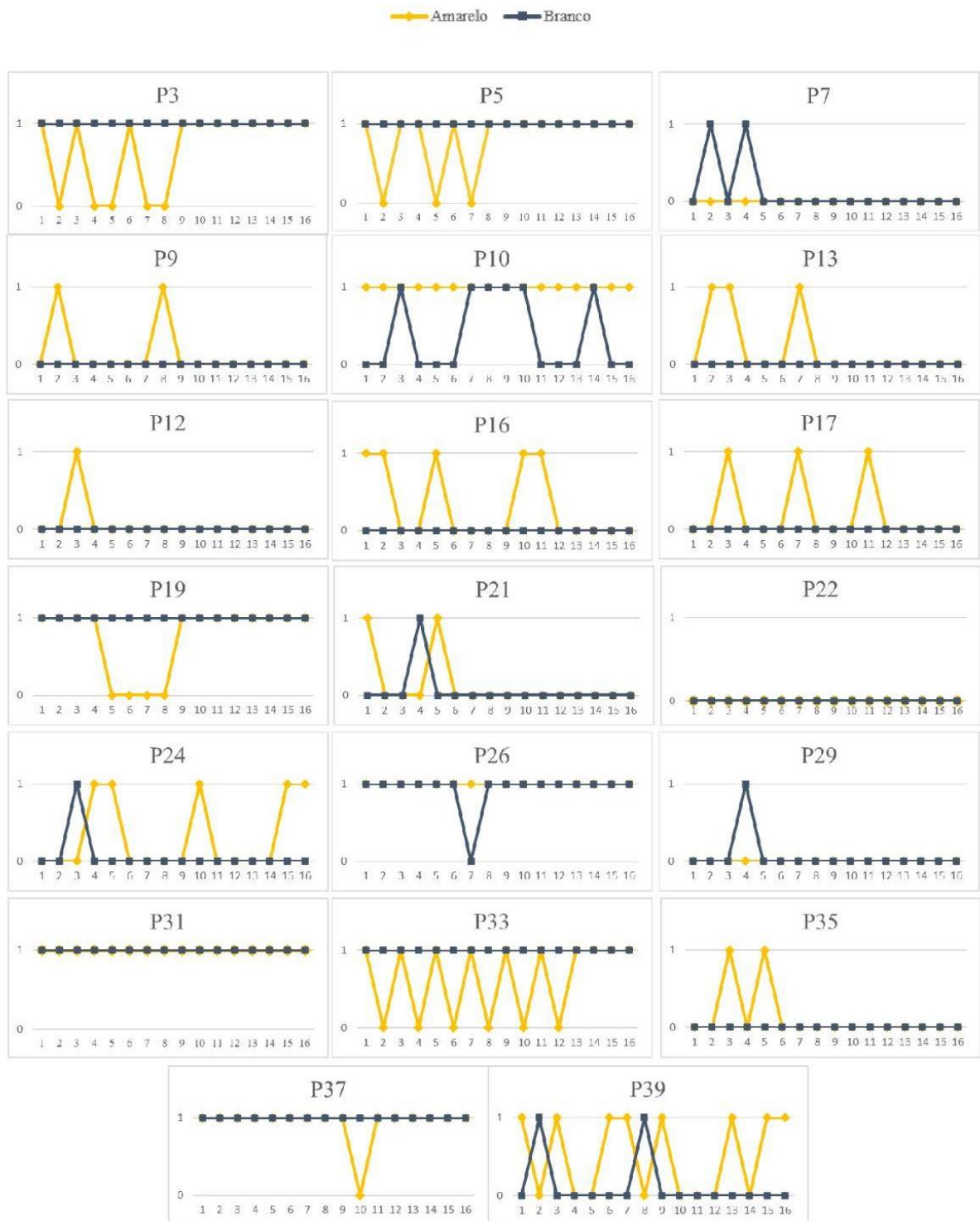


Pode-se observar que a diminuição das escolhas de cartões azuis com relação aos Confederados Brancos demonstra que a aversão à desigualdade desvantajosa é cumulativa e depende da exposição contínua à desigualdade desvantajosa. Com a escolha contínua pelo cartão azul pelo computador na Fase de Desigualdade Desvantajosa, a diminuição das escolhas pelos cartões azuis demonstra um aumento da aversão à desigualdade conforme a passagem das tentativas (Figura 11). Isso pode depender, em parte, do fato das diferenças nas pontuações serem mostradas cumulativamente, a partir da pontuação que cada um recebe por cada escolha de cartão. Nessa Fase, a combinação de cartões azul-azul gera mais pontos para o computador - 100 pontos para o computador e 20 pontos para o participante - o que faz com que a diferença cumulativa de pontos seja maior quando o participante escolhe os cartões azuis.

As duas figuras seguintes apresentam os gráficos de desempenhos individuais. Na Figura 12 são apresentados os padrões de respostas individuais para os participantes que passaram pela sequência Confederado Amarelo - Confederado Branco (A1 - B2). Dos 20 participantes, apenas um (P31) escolheu apenas o cartão azul nas duas condições com os

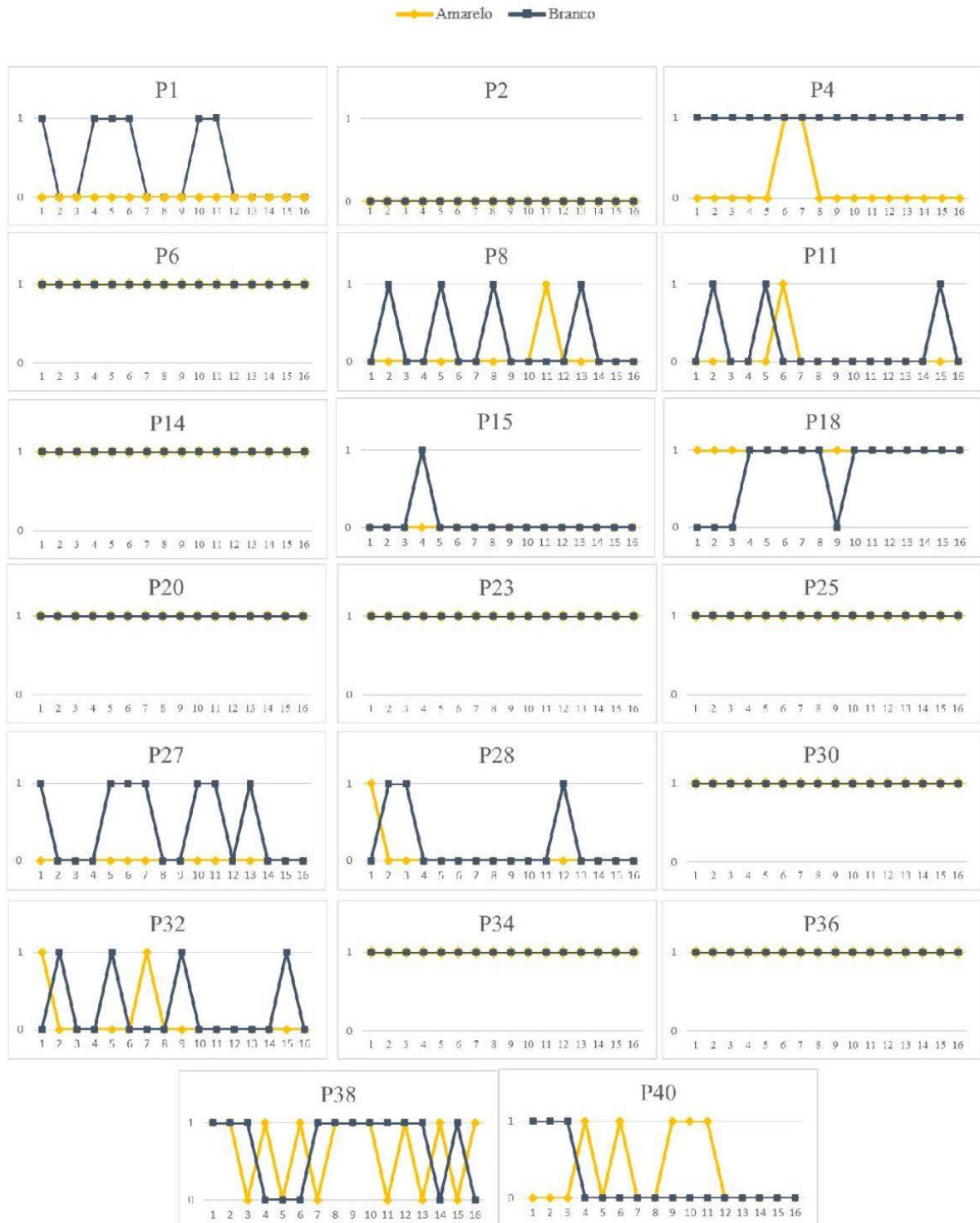
diferentes confederados. P22 foi o único participante a escolher exclusivamente o cartão verde nas duas condições. Os participantes P9, P12, P13, P16, P17 e P35 escolheram apenas cartões verdes na Condição Confederado Branco, mas variaram nas escolhas na Condição Confederado Amarelo, com algumas escolhas pelo cartão azul. Os participantes P3, P5, P19, P33 e P37 escolheram apenas cartões azuis na Condição Confederado Branco, mas variaram nas escolhas na Condição Confederado Amarelo, com escolhas pelo cartão verde. Dois participantes escolheram somente cartões azuis na Condição Confederado Amarelo e variaram nas escolhas na Condição Confederado Branco, sendo eles P10 e P26. Os demais participantes tiveram variabilidade nas escolhas pelos cartões azuis e verdes para ambos os confederados. Observou-se uma maior variabilidade no padrão de escolhas com relação ao Confederado Amarelo nessa ordem de apresentação (A1 - B2).

Figura 12 - Padrões individuais de escolhas de cartões azuis (1) e verdes (0) na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a ordem de apresentação Confederado Amarelo - Confederado Branco (A1 -B2)



A Figura 13 mostra os padrões de respostas individuais para os participantes que passaram pela sequência Confederado Branco - Confederado Amarelo (B1 - A2). Nessa ordem de apresentação dos confederados, dos 20, 8 participantes escolheram apenas cartões azuis para o Confederado Branco e para o Confederado Amarelo (P6, P14, P20, P23, P25, P30, P34 e P36) e 1 participante (P2) escolheu apenas cartões verdes para ambos os confederados. O participante P4 escolheu apenas cartões azuis para o Confederado Branco e duas escolhas pelo cartão azul para o Confederado Amarelo. Os participantes P1, P15 e P27 escolheram apenas cartões verdes para o Confederado Amarelo e variaram nas escolhas com relação ao Confederado Branco. O participante P18 escolheu apenas cartões azuis para o Confederado Amarelo e variou nas escolhas com o Confederado Branco. Os demais participantes tiveram variabilidade nas escolhas para ambos os confederados.

Figura 13 - Padrões individuais de escolhas de cartões azuis (1) e verdes (0) na Fase de Desigualdade Desvantajosa para a ordem de apresentação Confederado Branco - Confederado Amarelo (B1 - A2)



Com relação ao desempenho dos participantes nas condições com o Confederado Amarelo, observou-se uma maior variabilidade das médias de escolhas pelo cartão azul, o que indica que nessa condição os participantes ficaram menos sob controle das condições

experimentais. Isso foi observado de maneira diferente na Condição Confederado Branco, que apresentou maior homogeneidade no padrão de respostas, o que aponta para um indício da diferença de tratamento quando se considera a raça amarela e a raça branca.

Para variabilidade das respostas no geral, tanto para o que foi observado na Condição de Confederado Amarelo quanto na Condição de Confederado Branco, os resultados são condizentes com os dados apresentados por Benvenuti et al. (2020): a ausência de uma história explícita de cooperação ou não-cooperação gera um padrão de respostas dos participantes menos homogêneo, com mais variabilidade entre participantes (Condição NOHIST). O que buscamos observar com o nosso delineamento era a interação prévia dos participantes com pessoas da raça branca e amarela, o que podemos ver padrões mais semelhantes nas respostas individuais dos participantes com as duas raças e em outras em que há diferenças maiores nos padrões de respostas (e.g. P4, e com três escolhas de cartões azuis para Confederados Amarelos e 16 escolhas de cartões azuis para Confederados Brancos).

Com relação à ordem de apresentação dos confederados, foi possível notar que para ambas as raças há uma diminuição na quantidade de escolhas pelo cartão azul para o segundo confederado, o que pode indicar que na segunda exposição o participante já está familiarizado com a tarefa e com as estratégias que poderia utilizar com o segundo confederado. Contudo, olhando para os dados de padrões individuais de respostas, observaram-se que há mais padrões de escolhas apenas pelos cartões azuis para ambas as raças quando o Confederado Branco é apresentado primeiro (em oito participantes), padrão encontrado apenas em um participante quando o Confederado Amarelo é apresentado primeiro. Esses dados indicam uma maior uniformidade das escolhas pelos cartões azuis nos participantes que interagem com o Confederado Branco em primeiro momento do que em uma interação com Confederado Amarelo em primeiro momento. Nesse caso, os participantes demonstraram menor aversão à desigualdade desvantajosa na ordem B1 - A2 do que na ordem A1 - B2.

No que diz respeito à amostra, os participantes se autodeclararam, em sua maioria, brancos, seguidos de pardos, pretos e negros. O número de participantes negros, pretos, pardos e brancos não eram equivalentes para se realizar uma comparação equiparada. Assim, não foram feitas análises que levem em conta a raça do participante. Ressaltamos também que não recrutamos pessoas amarelas como participantes, pois isso faria com que fosse criado um novo grupo de participantes, visto que interagiriam com pessoas da mesma raça. O foco deste

trabalho era observar as respostas de pessoas de raças diferentes com relação aos amarelos, sendo uma possível base para interpretações sobre a questão do preconceito racial e racismo.

No contexto universitário, ainda há predominância de pessoas brancas sobre pessoas de outras raças, apesar das leis de maior inclusão de negros e indígenas - e.g. Lei nº 12.711/2012 de cotas raciais nas universidades (2012). Especialmente na Universidade de São Paulo (USP), local em que foram recrutados os participantes desta pesquisa, no ano de 2022 38.549 eram pessoas autodeclaradas brancas, em comparação com 2.986 amarelos, 66 indígenas, 10.461 pardos e 3.124 pretos (Universidade de São Paulo, 2023). Estudos relacionados ao tema do preconceito racial são predominantemente realizados com participantes universitários, o qual representa uma parcela específica da população (em sua maioria, brancos), o que não necessariamente representa a problemática em um contexto da população geral e mais representativa, como aponta Sacco et al. (2016). Ainda mais especificamente com relação a estudos com a população amarela, os estudos experimentais e relacionados a esse tema se tornam ainda mais escassos.

Considerações Finais

A área da aversão à desigualdade ainda tem sido estabelecida e há diferentes variáveis a serem investigadas que influenciam na expressão desse fenômeno, sendo a raça uma delas. Este trabalho foi uma primeira investigação sobre a variável raça no contexto brasileiro, que se difere de outros países, visto a história de migrações e a miscigenação cultural de cada um deles. Com relação à população amarela, ainda há poucos ou até uma inexistência de estudos experimentais que explorem a especificidade das características que envolvem esse grupo, sendo esse um primeiro passo para análise dos comportamentos relacionados ao racismo e discriminação dessa minoria racial.

Para estudos posteriores, considera-se importante realizar a investigação com a Desigualdade Vantajosa, visto que é afetada por variáveis culturais e diferem entre os países, como foi apontado por Blake et al. (2015). Além disso, incluir participantes amarelos também seria uma outra proposta de investigação, assim como feito por Griffin et al. (2012) e Chisadza et al. (2021), possibilitando realizar a comparação entre o mesmo grupo racial e entre grupos raciais diferentes.

Ainda com relação à amostra, uma outra proposta seria a de utilizar uma amostra representativa de raças, visto que neste trabalho realizamos um recrutamento sem informação

prévia da raça do participante. Dessa forma, não equipararmos o número de pessoas brancas com negras, o que não possibilitou uma comparação de mesma proporção. Além disso, a realização do estudo fora do contexto universitário pode gerar outros padrões de respostas, uma vez que os estereótipos relacionados a amarelos brasileiros de outras gerações podem ser diferentes das relacionadas da faixa etária tratada neste estudo, assim como a tratativa sobre essa problemática do racismo contra amarelos também ter sido introduzida mais recentemente nas agendas sociais.

Outro ponto seria a análise de medidas de latência da resposta e a percepção sobre a condição socioeconômica do confederado com quem estará fazendo a tarefa, assim como feita nos estudos de Chisadza et al. (2021). A medida da latência no estudo mencionado possibilitou a comparação entre os tempos de deliberação da resposta quando se está interagindo com uma pessoa de mesma raça ou de raça diferente. Foi demonstrado que há diferenças nos tempos, especialmente para divisões de quantias maiores que levavam um tempo maior de deliberação. Ainda, esse tempo também se altera quando se leva em conta as informações sobre a raça e a percepção sobre a condição socioeconômica do parceiro para quem estaria fazendo a transferência. Nesse sentido, consideram-se dois pontos interessantes a serem acrescentados para futuros estudos com pessoas da população amarela.

Por fim, ressalta-se a importância de mais estudos que explorem as variáveis raciais, em especial as que envolvem a população amarela que, apesar de estarem conquistando uma crescente representatividade nas mídias de maneira menos pejorativa e mais diversa, ainda sofre com discriminações, violências, fetichização e são tratados como estrangeiros no país em que nasceram e moram. Mais estudos que explorem a especificidade das contingências comportamentais relativas aos amarelos podem proporcionar melhores condições de vida e saúde mental para essas pessoas, além de um maior conhecimento para identificação das violências sofridas, que muitas vezes são tratadas com menor magnitude pelo teor “implícito” e “positivo” dos estereótipos.

Referências

- Almeida, S. L. (2019). *Racismo estrutural* (1ª ed.). São Paulo, SP: Pólen.
- Benvenuti, M. F. L. et al. (2020). A preliminar two-phase test of how inequity aversion is modulated by previous dyadic interactions. *Exp. Analy. Huma. Behav. Bull.* 32, 13–21. <https://www.eahb.org/2020-eahb-issue>

- Blake, P. R., and McAuliffe, K. (2011). “I had so much it didn’t seem fair”: eight-year-olds reject two forms of inequity. *Cognition* 120, 215–224. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.04.006>
- Blake, P., McAuliffe, K., Corbit, J. et al. (2015). The ontogeny of fairness in seven societies. *Nature* 528, 258–261. <https://doi.org/10.1038/nature15703>
- Camerer, C. F. (2003). *Behavioral Game Theory: Experiments in Strategic Interaction* (1ª edição). Princeton.
- Carrijo C., M., & Borges, M. M. (2021). Preconceito racial: viés na mensuração de atitudes produzido por controle de estímulos. *Acta Comportamentalia: Revista Latina De Análisis Del Comportamiento*, 29(1). Recuperado a partir de <https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/78782>
- Chisadza, C., Nicholls, N., & Yitbarek, E. (2021). Group identity in fairness decisions: Discrimination or inequality aversion? *Journal of Behavioral and Experimental Economics* 93, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2021.101722>
- Corbit, J., McAuliffe, K., Callaghan, T. C., Blake, P. R., and Warneken, F. (2017). Children’s collaboration induces fairness rather than generosity. *Cognition* 168, 344–356. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2017.07.006>
- de Carvalho, M. P. de., & de Rose, J. C. (2014). Understanding racial attitudes through the stimulus equivalence paradigm. *The Psychological Record*, 64, 527-536. <https://doi.org/10.1007/s40732-014-0049-4>
- Dezem, R. (2005). *Matizes do “Amarelo”*: A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908) (1). São Paulo: Humanitas.
- Diaz, L. (2021). *Preconceito amarelo: por que aumenta durante os vestibulares?* Recuperado de: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/preconceito-amarelo-o-que-e-e-por-que-aumenta-durante-os-vestibulares/>
- Dixon, M. R., & Lemke, M. (2007). Reducing prejudice towards Middle Eastern persons as terrorists. *European Journal of Behavior Analysis*, 8(1), 5-12. DOI: 10.1080/15021149.2007.11434269
- Fehr, E., & Schmidt, K. M. (1999). A theory of fairness, competition, and cooperation. *Quart. J. Econ.* 114, 817–868. <https://doi.org/10.1162/003355399556151>
- Freire, P. (1996/2022). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (73ª edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Guerin, B. (1994). *Analyzing Social Behavior: Behavior Analysis and the Social Sciences* (1ª edição). Context Press.
- Griffin, J., Nickerson, D., & Wozniak, A. (2012). Racial differences in inequality aversion: Evidence from real world respondents in the ultimatum game. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 84(2), 600-617. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2012.09.010>

- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Kluwer, Academic/Plenum Publishers.
- Hayes, S. C., Niccolls, R., Masuda, A., & Rye, A. K. (2002). Prejudice, terrorism, and behavior therapy. *Cognitive and Behavioral Practice*, 9(4), 296-301. [https://doi.org/10.1016/S1077-7229\(02\)80023-2](https://doi.org/10.1016/S1077-7229(02)80023-2)
- Higa, L. M. (2015). *Umi Nu Kanata - do outro lado do mar: história e diferença na 'comunidade okinawana brasileira'*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.8.2016.tde-12012016-140524.
- IBGE (2010). *Panorama do Censo 2022*. Recuperado de: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>
- Inoue, V. C (2017). *A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade de Brasília: Brasília. <https://bdm.unb.br/handle/10483/18241>
- Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012* (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, 149(169), 1-2.
- Matsuda, K., Garcia, Y., Catagnus, R., & Brandt, J. A. (2020). Can behavior analysis help us understand and reduce racism? A review of the current literature. *Behavior Analysis in Practice*, 13(2), 336-347. <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00411-4>
- Mizael, T. M., de Almeida, J. H., Silveira, C. C., & de Rose, J. C. (2016). Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes. *The Psychological Record*, 66, 451-462. DOI: 10.1007/s40732-016-0185-0.
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(3), 365-377. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274552568005/html/>
- Mori, L. (2017). *'Não toleramos mais': por que velhas piadas estão inflamando debate sobre racismo entre descendentes de asiáticos no Brasil*. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40816773>
- Niemann, Y. F. et al (1994). Use of free responses and cluster analysis to determine stereotypes of eight groups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20, p. 379-390. <https://doi.org/10.1177/0146167294204005>
- Nogueira, O. (2007). Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a internegação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, 19(1), p. 287-308. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100015>

- Petrucelli, J. L. (2013). Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: J. L. Petrucelli, A. L. Saboia (Orgs.). *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 13-29.
- Pires, R. S. (2017). *Uma epopeia moderna? Alguns apontamentos sobre a historiografia da imigração japonesa no Brasil*. Recuperado de: https://www.academia.edu/35787301/UMA_EPOPEIA_MODERNA_ALGUNS_APONTAMENTOS SOBRE A HISTORIOGRAFIA_DA_IMIGRA%C3%87%C3%83O_JAPONESA_NO_BRASIL
- Sacco, A. M., de Paula Couto, M. C. P., & Koller, S. H. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-250. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-16>
- Santos, C. C., & Acevedo, C. R. (2013). A Minoria Modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. *Psicologia Política*, 13(27), 281-300. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a06.pdf>
- Schneider, D. (2004). The Psychology of stereotyping. *Distinguish Contributions in Psychology* (1ª edição). The Guilford Press.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trans.) (11ª edição). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Strangor, C. (2016). The study of stereotyping, prejudice, and discrimination within social psychology: a quick history of theory and research. In: T. D. Nelson (Ed.). *Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination* (2ª edição). Psychology Press.
- Suarez, C. J. (2019). *Cooperação e aversão à iniquidade: Discussões teóricas e dados experimentais*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.47.2020.tde-08012020-165910>
- Suarez, C. J. et al. (2021). Reciprocity With Unequal Payoffs: Cooperative and Uncooperative Interactions Affect Disadvantageous Inequity Aversion. *Frontiers in Psychology* 12:628425. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.628425>
- Universidade de São Paulo (2023). *Anuário Estatístico*. Recuperado de: <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle#>
- Véras, D. B. (2010). Imigrantes Chineses no Brasil: O caso de São Paulo. *Revista Iberoamericana de Estudios de Asia Oriental*, 3, p. 123-157. DOI 10.3994/RIEAO 2010.03.123
- Yabiku, P. H. B. & Salles, L. M. F. (2007). A Questão da Diferença: um estudo com imigrantes japoneses e seus descendentes. *Educação: Teoria e Prática* - v. 17, n.29, p. 139-158. <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1040>

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre interações em pequenos grupos que será realizada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). A sua participação é muito importante, pois estudos desse tipo visam aumentar nosso conhecimento sobre o comportamento humano e poderão, no futuro, contribuir para a discussão de fenômenos sociais.

A atividade que você irá realizar consiste em escolher entre dois cartões, azul ou verde, na tela do computador. Esta atividade terá duração de, aproximadamente, duas sessões de 5 a 10 minutos cada. Você ficará em uma sala com mobiliário próprio para a tarefa, sendo garantido o seu conforto e segurança. A participação nesta pesquisa não implicará em riscos diferentes daqueles que qualquer pessoa está exposta à experiência cotidiana de sentar-se diante de uma tela de computador e utilizar o mouse e teclado, porém a pesquisadora se responsabiliza por tomar providências na eventualidade de ocorrência de desconforto físico ou psicológico decorrentes da participação na pesquisa. Os benefícios para você, enquanto participante da pesquisa, serão indiretos, uma vez que essa ampliará os conhecimentos sobre fenômenos sociais e poderá subsidiar futuras intervenções.

A sua participação é voluntária e poderá ser encerrada a qualquer momento por solicitação sua, sem necessidade de justificativa e sem qualquer prejuízo. Qualquer custo envolvido com a sua participação no experimento poderá ser disponibilizado pela pesquisadora.

Os dados serão utilizados somente para fins científicos, desta ou de outras pesquisas, e serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. A presente pesquisa e a pesquisadora responsável que a coordena atendem e atenderão a todas as exigências contidas nas Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Em caso de dúvidas sobre aspectos éticos, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP (Av. Prof. Mello de Moraes, 1721, BL G, sala 27, CEP 05508-030, Cidade Universitária, São Paulo-SP; (11) 3091-4182; cep.ip@usp.br).

Caso concorde em participar, você deverá assinar duas vias deste termo, sendo que uma das vias ficará com você e a outra ficará em posse da pesquisadora responsável.

Pesquisadora Responsável: Celina Yoshie Tanaka

Contatos da pesquisadora: Instituto de Psicologia da USP – Departamento de Psicologia Experimental. Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721. CEP 05508-030. Cidade Universitária – São Paulo, SP. Telefone institucional: (11) 3091-4444. E-mail: celina.ytanaka@gmail.com; Telefone da pesquisadora: (43)99950-5262. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Frota Lobato Benvenuti.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, após ter

recebido todas as informações necessárias e os esclarecimentos devidos, declaro consentir livremente em participar como voluntário(a) desta pesquisa.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Participante: _____

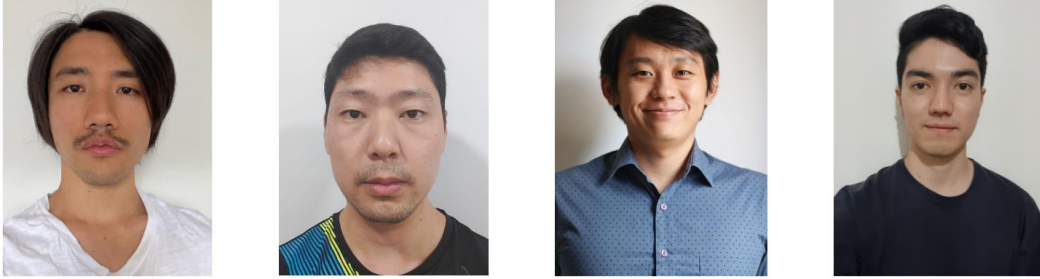
Idade: ____ Cor/Raça: _____ Gênero: _____ Número USP: _____

APÊNDICE B – Características dos participantes

Participante	Conf. 1	Conf. 2	Idade	Cor/Raça	Gênero (M=0, F=1, NB=2)	Curso
P1	B1	A2	21	Branca	0	Educação Física
P2	B1	A2	37	Parda	1	Educação Física
P3	A1	B2	19	Parda	0	Ciências Econômicas
P4	B1	A2	20	Branca	1	Administração
P5	A1	B2	20	Negra	0	Educação Física
P6	B1	A2	25	Branca	0	Ciências Atuariais
P7	A1	B2	22	Branca	2	Educação Física
P8	B1	A2	19	Branca	1	Economia
P9	A1	B2	20	Preta	1	Educação Física
P10	A1	B2	22	Branca	0	Educação Física
P11	B1	A2	19	Preta	0	Educação Física
P12	A1	B2	18	Branca	0	Psicologia
P13	A1	B2	19	Branca	1	Psicologia
P14	B1	A2	24	Branca	0	Engenharia de Computação
P15	B1	A2	20	Branca	1	Esporte
P16	A1	B2	20	Branca	1	Psicologia
P17	A1	B2	22	Branca	0	Ciências Sociais
P18	B1	A2	19	Parda	0	Psicologia
P19	A1	B2	20	Branca	0	Educação Física
P20	B1	A2	18	Branca	1	Psicologia
P21	A1	B2	26	Preta	1	Artes Cênicas
P22	A1	B2	20	Branca	0	Economia
P23	B1	A2	23	Branca	1	Psicologia
P24	A1	B2	20	Negra	1	Artes Cênicas
P25	B1	A2	22	Branca	1	Psicologia
P26	A1	B2	18	Branca	1	Letras
P27	B1	A2	18	Branca	0	Letras
P28	B1	A2	27	Branca	1	Letras
P29	A1	B2	21	Branca	1	Letras
P30	B1	A2	30	Parda	2	Letras
P31	A1	B2	26	Parda	1	Arquitetura
P32	B1	A2	20	Branca	1	Biomedicina
P33	A1	B2	22	Branca	0	Música
P34	B1	A2	24	Branca	0	Filosofia
P35	A1	B2	22	Branca	1	Arquitetura
P36	B1	A2	32	Branca	3	Música
P37	A1	B2	19	Branca	0	Filosofia
P38	B1	A2	18	Branca	1	Filosofia
P39	A1	B2	22	Branca	1	Biomedicina
P40	B1	A2	20	Branca	1	Letras

APÊNDICE C – Fotos dos confederados

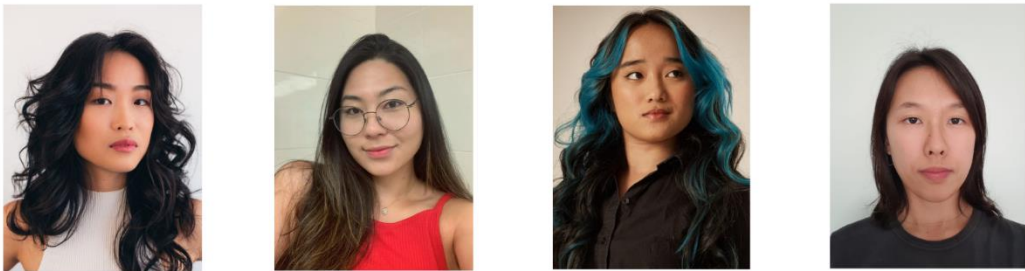
Confederados Amarelos



Confederados Brancos



Confederadas Amarelas



Confederadas Brancas



ANEXO 1 – Questionário para simulação de resposta

Combinação	Pontos Participante 1	Pontos Participante 2
Azul-Azul	100	100
Azul-Verde	20	20
Verde-Azul	20	20
Verde-Verde	20	20

Você é o participante 1 e a outra pessoa apresentada é o participante 2. Essa é a matriz que indica quantos pontos você irá ganhar e quantos pontos o participante 2 ganhará. Olhando para a combinação de cartas mostrada no slide, qual seria a sua pontuação e a pontuação do participante 2?

Sua pontuação:

Pontuação do participante 2: